

EXPERIMENTAÇÃO CORPO-NATUREZA NO PROFESSORAR AMAZÔNICO



CAROLINE BARRONÇAS DE OLIVEIRA

DANIELA FRANCO CARVALHO

MÔNICA DE OLIVEIRA COSTA

ORGANIZADORAS

 **Pedro & João**
editores

Experimentação corpo-natureza no professorar amazônico



**Caroline Barroncas de Oliveira
Daniela Franco Carvalho
Mônica de Oliveira Costa
(Organizadoras)**

Experimentação corpo-natureza no professorar amazônico



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Caroline Barroncas de Oliveira; Daniela Franco Carvalho; Mônica de Oliveira Costa [Orgs.]

Experimentação corpo-natureza no professorar amazônico. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 196. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2337-7 [Digital]

1. Antropoceno. 2. Arte. 3. Ciência. 4. Amazônia. I. Título.

CDD – 370

Capa: Fabiane Andrade Batista e Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Apresentação

Um livro em experimentação como encontro de textos oriundos de uma imersão na floresta no Centro de Treinamento Agroecológico do Museu da Amazônia, de encontros na disciplina de narrativas autobiográficas no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA), de percepções a partir da exposição “curar o si” da Universidade do Estado do Amazonas, dos diálogos durante o Simpósio de Educação em Ciências na Amazônia (SECAM/2024), dos passeios e outras vivências que nos convocam a estar corpo-natureza amazônico em movimentos de professorar alianças teóricas e artísticas.

Reunimos escritos de pessoas queridas de diversas localidades brasileiras, de Portugal e da Espanha que têm se dedicado a compreender educações outras em formatos e linguagens múltiplas na tentativa de tangenciarmos sensibilidades a partir da nossa relação com a mata, igarapés, bichos, fungos, sons, pausas, silêncios e turbilhões de tudo que não sabemos.

Encontros planejados a partir do que acontece. Em movimentos de escuta e falas daquilo que nos permeia em encantamentos no experimentar, provar, tocar, sentir, pensar e escrever em compartilhamentos mútuos sobre nosso ser-estar corpóreo em pesquisas que perpassam a arte e a ciência.

Vinte e três produções imbricadas num ir e vir caleidoscópico do que se enovela nas inúmeras possibilidades de se professorar em corpos-natureza-amazônica.

Parcerias

Essa escrita coletiva foi produzida com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (PROEXT-PG e PROAP do PPGEEC/UEA), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; apoio institucional da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Porto e Universidade de Murcia, numa conexão profícua dos grupos de pesquisa Vidar em In-tensões e Amplia: amálgama em educação, ciência e arte.

Sumário

- 11 Prefácio**
Hugo Fortes
- 15 Pelo olhar do fotógrafo**
Beto Oliveira
- 21 A rasura do esquecimento**
Leandro Belinaso
- 25 Nós Natureza: Vivenciar Corpo-Natureza**
Nora Hauswirth
- 33 Poetizando a Introspecção**
Jackeline dos Santos Monteiro
- 41 Corpos-contos: a escuta pelo corpo-natureza amazônico**
Melissa Fayad
- 51 Mulheres-Árvore: um depoimento**
Domingos Loureiro
- 57 Energias foliares em verdes amazônicos**
Daniela Franco Carvalho
- 65 Sentindo a Terra, batendo o coração: o sublime e nosso
sentido de lugar no mundo**
Maria Luz Ruiz Bañón
- 75 Brechas Poéticas: entre desinvenções e docência**
Ana Maria Xavier da Silva Neta
Maria Juciléia da Silva Lima

- 87 Quando nasce uma mulher nascem sonhos e possibilidades de existências para Educação em Ciências na Amazônia**
Nereida Tavares Neves Benevides
Yara Laiz Barbosa de Souza
- 97 (De)composição de um corpo mulher**
Natália Francisca Pereira Franco
Eriane da Silva Lima
- 105 (Des)receita de uma guerreira do sensível**
Anny Roberta Gonçalves Furtado
- 109 Alucinações de um corpo-mulher desejante**
Hannyn Barbara Alves Garcia
Karen Xavier Viana
- 115 A Formação como Obra de Arte**
Jackeline dos Santos Monteiro
Fanuela de Oliveira Vasconcelos
- 125 O estágio docência como um processo de cura(doria)**
Yara Lais Barbosa de Souza
Leandro Barreto Dutra
- 137 Um amazonear-se inventado em floresteiros**
Monica Aikawa
- 139 Uma adulez infante amazônica**
Leonardo Batista dos Santos
Monica Aikawa
José Vicente de Souza Aguiar

- 145 Bioinstrumentalizar-se na floresta amazônica**
Stivisson Menezes Correia
Caroline Barroncas de Oliveira
Hívina Dorzane Machado
- 151 Cartas para Glória: uma cartografia de mulheres amazônidas**
Maria Eduarda Glória Neves
Mônica de Oliveira Costa
- 157 A constituição de si em Borboleamentos**
Judi Carla Melo Cauper
- 161 Ser estar desaguar em lutas do Dia Internacional das Mulheres: corpo docente natureza entre mulheres amazônidas!**
Adriana Rio
Mônica de Oliveira Costa
- 171 Amazônia-vida**
Fabiane Andrade Batista
Mônica de Oliveira Costa
- 179 Maniçoba é a comida mais gostosa do mundo**
Fabíola Fonseca
- 185 Minibiografias dos autores**

Prefácio

Uma miríade de encontros amazônicos

Ler os textos que compõem este livro-experimento é como adentrar a floresta em uma canoa que navega sobre águas compostas e originárias de diversos afluentes. Há águas mais cristalinas e científicas, outras mais poéticas e revoltas. Há aquelas mais turvas que nos nublam os sentidos para fazer emergir algo submerso. Outras nos divertem com seu frescor e movimento. Há águas de nascentes novas que se mesclam a rios mais caudalosos, há saberes e sentires que fluem juntos para levar o leitor a uma miríade de encontros amazônicos.

Há sobretudo diversidade na unidade. Não uma proposta unificadora e excludente, mas uma vontade de reunir experiências e encontros múltiplos com a floresta e com os próprios indivíduos que a descrevem. Podemos perceber basicamente dois tipos de textos que aqui se entrelaçam: aqueles que vem de autores que geralmente não habitam cotidianamente a floresta e que descrevem seu encontro com ela e aqueles que já residem na Amazônia, muitas vezes em ambientes urbanos, e que se concentram nas narrativas de si, no mergulho autobiográfico e poético, ao se perceberem educadores em um professorar amazônico.

Esta pluralidade multissensorial com a qual nos deparamos, inicia-se através da visão das fotografias de Beto Oliveira. Ainda sem contar com o apoio das palavras, somos levados a nos defrontar com imagens que retratam a floresta tanto através do olhar distante e amplo, como por meio do close que destaca os detalhes dos seres vegetais que entram em contato com nosso corpo. As fotografias nos convidam a tentar adentrar a mata sem revelar todos seus segredos, mas nos estimulando a descobri-la.

Descobrir a floresta é também descobrir um pouco de si, como nos apresenta o belo relato de Leandro Belinaso. Chegando à

floresta apenas um mês após o falecimento de seu pai, o autor nos faz refletir sobre a potência de vida encarnada na natureza, buscando um sentido para nossa existência. Memórias e esquecimentos são evocados ao mesmo tempo que o corpo mergulha nos igarapés e assim se enche de vida novamente.

Nutrir o corpo para fertilizar a mente é o que busca Nora Hauswirth através de seu projeto Arte & Escola na Floresta. Resgatando saberes ancestrais no cultivo e consumo de plantas alimentícias originárias, o projeto nos sensibiliza através de aromas e sabores. A alimentação e agricultura tornam-se aqui um processo colaborativo e político, de conscientização e engajamento social e ambiental.

Para além das memórias, dos sentidos da visão, do olfato e do paladar, também encontramos narrativas que destacam as paisagens sonoras do ambiente amazônico. É o que podemos ver nos textos de Melissa Fayad e Maria Luz Ruiz Bañón. O contraste entre os sons das cidades europeias e a polifonia da floresta brasileira, nem sempre tão silenciosa como se imagina, é o que se destaca nestas narrativas. A primeira, através de seus corpos-contos, reflete sobre sua viagem até se defrontar com a Amazônia, percebendo seu corpo nestes espaços outros. A segunda, também partindo do corpo, transforma sua experiência em uma obra audiovisual, confrontando a projeção idealizada da floresta com a experimentação vivida na pele, entrelaçando conceitos de natureza e cultura e repensando sua condição em um contexto decolonial.

Sentir no próprio corpo as percepções aprendidas através da ciência é o que busca a autora e organizadora do livro Daniela Franco Carvalho. Mesclando seus conhecimentos de bióloga com um visceral encontro com os seres não-humanos, por meio da linguagem poética e da experimentação sensorial, busca uma fusão de seu próprio corpo com os seres vegetais, sentindo sua seiva, sua respiração fotossintética, imergindo em seus processos celulares vivos.

Não é à toa que Domingos Loureiro descreve Daniela como a própria Samaúma, árvore-mãe da floresta, que conecta os seres

com sua grandeza, abrindo espaço para o desenvolvimento de outras vidas. Além dela, o autor nos apresenta as "Mulheres-árvore" que encontrou na floresta, cada uma com suas origens e particularidades, mas todas como forças vivas necessárias para o desenvolvimento e perpetuação da vida.

O feminino é sem dúvida um dos temas principais que surge nos diversos textos poéticos que surgem ao longo da leitura deste livro. Sobretudo nas narrativas autobiográficas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia e nas obras produzidas para a exposição "Curar o si" na Universidade do Estado do Amazonas, percebe-se o fundamental papel da sensibilidade das mulheres que vivenciam os territórios amazônicos e sua jornada poético-artística na busca do autoconhecimento.

Conhecer a si e conhecer o território em que se habita para só assim poder compartilhar o saber com o outro. Esta é a tônica dos textos-obras produzidos a partir de um viés autobiográfico, estimulado a partir do aprendizado proporcionado pelas ações que deram origem a esse livro. Podemos notar esta abordagem em diversos dos textos aqui presentes, muitos deles de autoria coletiva e apresentados de forma a unir as linguagens verbais e visuais. Devido à sua grande profusão, não poderemos detalhá-los aqui neste prefácio, mas deixaremos que o leitor os descubra, mergulhando na individualidade e autobiografia poética de cada um. Entre eles, encontramos muitos autores que se entrelaçam e dialogam, como Jackeline dos Santos Monteiro, Nereida Tavares Neves Benevides, Yara Laís Barbosa de Souza, Caroline Barroncas de Oliveira, Mônica de Oliveira Costa, Ana Maria Xavier da Silva Neta, Maria Juciléia da Silva Lima, Natália Francisca Pereira Franco, Eriane da Silva Lima, Anny Roberta Gonçalves Furtado, Hannyn Barbara Alves Garcia, Karen Xavier Viana, Fanuela de Oliveira Vasconcelos, Leandro Barreto Dutra, Monica Aikawa, Leo Santos, Stivisson Menezes Correia, Hívina Dorzane Machado, Judi Carla Melo Cauper, Maria Eduarda Glória Neves, Adriana Rio, Fabiane Andrade Batista e Fabíola Fonseca.

Nesta pluralidade de percursos autobiográficos, encontramos textos poéticos que se fundem a fotografias, colagens e trabalhos gráficos que buscam usar recursos artísticos para expressar seu encontro consigo e com o ambiente. A arte aqui, não aparece necessariamente como um sistema produtor de objetos acabados ou como atividade exercida regularmente por artistas profissionais, mas resgata seu potencial mais primordial, que é sua capacidade expressiva e sensibilizante. Ao invés de se buscar a constituição de uma trajetória poética consolidada, o que se almeja é utilizar a criação para despertar os afetos adormecidos, muitas vezes subjugados pela pretensa racionalidade científica. Ressalta-se assim a possibilidade do uso da linguagem poética e artística em um contexto pedagógico para a formação de discentes-docentes em um professorar que envolve o corpo e a sensibilidade.

Ao atravessar as águas sinestésicas que compõem esse livro, o que se aprende é que as florestas, quer sejam de humanos ou de não-humanos, não se constituem de seres apartados uns dos outros, com convicções rígidas e formas de atuação isoladas. Ao contrário, é necessário se deparar com territórios desconhecidos e com experiências de vidas diversas para que se possa comungar uma partilha de saberes entranhados no corpo e no espírito. Apenas a partir da reunião colaborativa entre uma assembleia multiespécies e a pluralidade de sensibilidades humanas, com respeito aos saberes locais e ancestrais, é que se pode produzir conhecimento de forma ética e responsável, fertilizando-se assim a mente e a terra que nos abriga.

Hugo Fortes¹

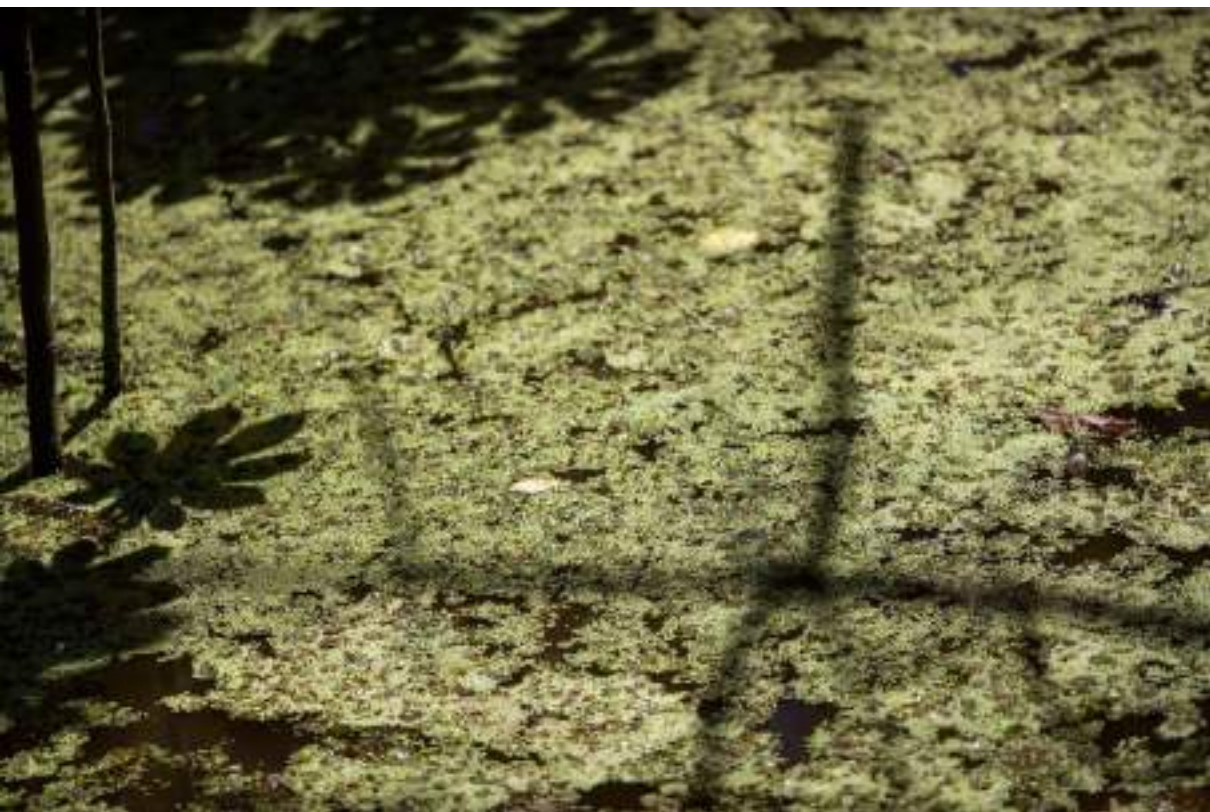
¹ Artista visual, curador, designer e professor da ECA-USP e da FAU-USP.

Pelo olhar do fotógrafo

Beto Oliveira













A rasura do esquecimento

Leandro Belinaso

Viajo à floresta um mês depois do falecimento do meu pai. Uma imersão na Amazônia junto a um coletivo de artistas, mateiros, professores, cientistas, agricultores, estudantes, bichos, plantas, fungos e coisas. *Esquecer é poder lembrar*, escreve Adriana Lisboa¹ no livro *Todo o tempo que existe*, frase que habita, sozinha, uma página do meu caderno. No espaço agroflorestal do Museu da Amazônia, em uma área rural de Manaus, exercito a rasura do esquecimento.

Se deslocar à floresta abre sensações díspares. Penso em dizer não ao convite, me aliando às palavras que se colam a alguém recém enlutado: recolhimento, tristeza, pausa, silêncio. Ao mesmo tempo, desejo partir, ir junto, abrir outras palavras em mim, e me lembro do texto *A respiração*², que escrevi para falar de arte, de ciência, de educação e do trabalho das plantas e das cianobactérias que, por milhões e milhões de anos, tornaram, sem motivação alguma, sem querer nada em troca, a Terra habitável aos seres aeróbicos. Elas nos plantaram no planeta, nos permitiram germinar, nos cultivaram. Muitos de nós, os humanos, se esquecem dos gestos simples de inspirar e expirar, quase sem querer, todos os dias, em todos os segundos do dia e da noite. Agora, inclusive. Velar um corpo tão íntimo e tão outro, se aproximar dele, de seu gelo, é sentir abruptamente a força deste ato singelo de acolher o ar, reter algo e, ao mesmo tempo, deixar ir um outro tanto.

¹ LISBOA, Adriana. **Todo o tempo que existe**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

² Refiro-me ao ensaio escrito para uma sessão de debates em Uberlândia, no Museu Universitário de Arte (MUnA), sobre as relações entre arte, museus e educação em um contexto de eventos climáticos extremos: <https://leandrobequinas.substack.com/p/mudancas-climaticas-arte-museus-e>

Compro repelente, filtro solar, chapéu, um tênis impermeável com garras no solado, próprio para caminhadas em trilhas, duas camisetas com tecido respirável que filtra os raios solares, uma calça que vira bermuda e meias de cano longo. Tenho dificuldades em me reconhecer na mala. No táxi, a caminho do aeroporto, me dou conta que esqueci de me barbear, de colocar na bolsa lâmina e espuma, e uma calça jeans extra. Mas levo soro nasal, para evitar obstruções nas vias aéreas superiores.

*

Houve um tempo em que tínhamos uma chácara. Não há fotografias, nem histórias guardadas. Há esquecimento. Impossível saber o que eu carregava na minha mochila de menino quando viajávamos até lá, o que vestia nos dias sem escola naquele sítio. Carrego um profundo desconhecimento sobre aquele lugar, mas me recordo do meu pai, da estrada e das bananeiras, de estar em meio a elas, escondido entre suas folhas largas, seus troncos verdes. As árvores produzindo uma cabana, um refúgio, uma sombra. Elas e eu, nada mais. A estrada em frente ao portão de entrada era de terra batida. Sinto que havia um medo latente no ar. Era proibido seguir adiante. Na chegada, eu espichava os olhos dentro do auto, mas sem enxergar o que havia para além da próxima curva, do mato que cobria todo o restante do caminho. Tenho uma imagem, viva, do meu pai em cima do telhado da casa em gestação, colocando uma telha, depois outra e o sol forte, seco, batendo em suas costas, pernas, boné, e ele gritando lá do alto para que eu tirasse a camiseta, que tomasse um pouco de sol, acabasse com essa brancura; ele, forte, voz firme, bronzeado de juventude, de certezas, de estrada, de campo, de chácara.

*

No espaço agroflorestal há galinhas e patos soltos. E galos. Come-se o que a terra dá. Uma ampla variedade de plantas nada

convencionais. A urtiga à milanesa me faz esquecer de sua impertinência irritante quando em contato com a pele das pernas, canelas e pés. Mastigo uma e, quando me dou conta, estou desejando outra.

Em uma das choupanas de madeira onde nos acomodamos para dormir há espaço para seis ou sete redes. Estou próximo à porta onde minutos atrás uma aranha nos havia solicitado atenção e suscitado medo. A primeira noite passo insone, cochilando em espasmos. Na segunda, me entrego, amolecido. Procurar o silêncio na mata é uma necessidade e, ao mesmo tempo, algo impossível. A floresta é uma sinfonia jazzística. Meu corpo retesado, enlutado, cheio de soberanias, se alonga ao transpirar e doar sua salinidade aquosa, sua pele.

Junto às vidas daquele lugar me sinto acolhido, abrigado, como se estivesse em meio às bananeiras da chácara da infância. *Aquele mundo não precisava de mim para nada.* Outra frase do mesmo livro de Adriana Lisboa pinçada do meu caderno. Na floresta, as decisões a serem tomadas são sobre questões mínimas e imensas. Tomar a chuva do fim do dia? Provar esta ou aquela planta? Ajudar na preparação do feijão, da salada ou do suco? Mergulhar em um igarapé? Coletar as ranhuras de uma folha mordida por um inseto? Plantar ou podar? Inventar um verbo ou inaugurar um gesto? Praticar ioga ou caminhar? Conversar? Escutar? Ler? Escrever? Se deixar ir?

Só morre quem é esquecido³. Retorno da viagem e já preparo as malas para partir para uma próxima expedição, para seguir lembrando, para escrever com meu pai, vivo, em mim; para escrever com os encontros, com as forças encantadas do vivo.

³ Essa frase e todas as demais deste último parágrafo estão atravessadas pela leitura do livro de SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Nós Natureza: Vivenciar Corpo-Natureza

Nora Hauswirth

Nosso corpo é um microcosmo da própria natureza, pulsando em sintonia com os ritmos do universo. Somos parte integrante desse grande organismo, onde cada batida do coração ecoa o pulsar da terra. Na dança sagrada entre a vida e a morte, nossa existência cumpre uma função essencial: ser veículo de transformação, de renovação e de memória dos ciclos eternos. Assim como a natureza se renova a cada estação, nossos corpos carregam a missão de se transformar, de se integrar ao solo que os viu nascer, perpetuando a eterna conexão entre o ser e o universo.



Ilustração: Bicho Folharal, Dimas Mendonça 2023.

Introdução

A floresta nos convoca a estar. Estar com o corpo inteiro, com os sentidos atentos, com as mãos na terra e os pés descalços no chão úmido. No coração desse chamado, a vivência “*Corpo-Natureza*” emerge como um espaço de experiência onde teoria e prática se entrelaçam no cultivo, na conservação e no cuidado da terra. Viver a agricultura como cultura, um gesto cotidiano de resistência e pertencimento.

Nos encontros ao redor do SECAM 2024, no Centro de Treinamento Agroflorestal (CTA) – sede da Arte & Escola na Floresta, em gestão compartilhada com o Museu da Amazônia (MUSA) – experimentamos um modo de estar na floresta que ultrapassa a observação passiva. Passeios convocam corpo e natureza a se moverem em aprendizado, oferecendo convites à transformação. Ser na floresta não significa apenas habitar o espaço, mas atuar conscientemente em seu equilíbrio. Essa é uma pedagogia viva, onde o aprender e o fazer se fundem em um só gesto. Aqui, a natureza é um organismo vivo com o qual dialogamos em reciprocidade, não um cenário distante a ser apenas contemplado. A sintropia, tanto na teoria quanto na prática, ensina que cada ação humana pode regenerar o ecossistema: plantamos não apenas para colher, mas para alimentar o solo, fortalecer os ciclos naturais e ampliar a biodiversidade.

Este texto é um fragmento dessas experiências, um convite para cultivar, no solo e nas palavras, a sintropia do conhecimento e da existência.

Entre Aromas e Sabores: A Essência da Floresta

Os aromas da floresta se misturam no ar úmido: ervas frescas exalam seus óleos essenciais, folhas de cheiro intenso liberam suas notas verdes ao toque. O perfume do manjeriçã, do cipó-alho amazônico e as plantas alimentícias não convencionais unem-se à doçura das frutas recém-colhidas. A cada colheita, o instante se

torna sagrado, pois sabemos que os alimentos, consumidos imediatamente, conservam em sua essência toda a vitalidade e os nutrientes que a terra generosamente oferece, algo que se perde nos longos trajetos até os supermercados. Ao contrário do artificial, do processado, esses sabores nos reconectam com a pureza da existência, resgatando a autenticidade perdida em tempos de industrialização. O sabor puro, muitas vezes esquecido, pode até estranhar os paladares acostumados aos ultraprocessados e à doçura artificial das bebidas industriais.

No professorar alianças entre teoria e prática, a floresta se torna sala de aula, e cada ser vivo, um mestre. A didática se expande em movimentos de escuta, de experimentação, de criar com as mãos. Os textos não estão apenas nos livros, mas nas trilhas, nas folhas, nos rios, no tempo das chuvas. A natureza nos ensina na linguagem dos ciclos e das interdependências.

Em cada recanto da floresta, um poema se desenha, onde o silêncio se faz música e o vento sussurra segredos ancestrais. É nesse santuário verde que nos entregamos ao abraço da terra, que nossos pés descalços se conectam ao chão úmido, e que as mãos, calejadas e delicadas, se tornam instrumentos de transformação. Aqui, a natureza não é apenas um cenário, mas uma fonte de vida que pulsa em cada folha, em cada gota de orvalho.

Em nossa convivência, a cozinha e a horta se fundem em um ritual de criação e comunhão. As panelas transbordam histórias, os temperos celebram a diversidade e, sentimos no alimento o remédio para o corpo e a alma. Assim, cada prato, cada bebida fermentada, é uma ode à ancestralidade, uma reminiscência dos tempos em que o natural era o alimento do espírito.

A desintoxicação da vida moderna

O tempo desacelera, as energias se realinham e a alma respira o ritmo dos ciclos naturais. É um convite para redescobrir a essência do convívio: estar consigo mesmo, dividir as tarefas e

cultivar gestos de cuidado mútuo, enquanto se aprecia a beleza presente em cada recanto do ambiente.

A desintoxicação acontece no silêncio da floresta, longe do barulho urbano, das luzes artificiais e dos vícios de consumo. É estar com o entorno, com os outros, e consigo mesmo. A cozinha, assim como a horta, é um espaço de criação e encontro. Ali, os frutos da terra tornam-se alimento e cultura, memória e experimentação. O que colhemos em coletivo, preparamos juntos, celebrando cada alimento preparado por nossas mãos. A fogueira da noite aquece corpos e histórias, e as receitas ganham camadas de significados compartilhados. As bebidas fermentadas, comuns entre povos tradicionais, resgatam o conceito de que o alimento pode ser também remédio. São práticas milenares, carregadas de saberes ancestrais e de um respeito profundo pelos processos naturais. Essa experiência também atravessa nossos modos de ensinar e aprender.

Caminhamos por trilhas que se estendem na imensidão do verde, onde cada passo ensina humildade e reverência. A natureza comunica-se por meio de gestos silenciosos – no cair de uma folha, no murmúrio de um rio, no pôr do sol radiante – revelando a poesia de um existir que se reintegra ao seu ritmo primordial.

As tradições dos povos que vivem em harmonia com o ambiente ecoam em nossos encontros. Seus conhecimentos, transmitidos de geração em geração, demonstram que o remédio pode estar na própria alimentação, na fermentação das bebidas e na arte de cuidar com amor. Essas práticas ultrapassam a lógica do consumo e resgatam o valor da biodiversidade e da regeneração.

Neste espaço de vivência e aprendizado, a teoria e a prática se entrelaçam num abraço sintrópico. A floresta, nossa mestra, ensina-nos que o verdadeiro conhecimento nasce da imersão no ciclo vital e da constante interação com o ambiente.

Assim, em meio a este cenário de cores, sons e sabores, deixamos fluir nossa existência em harmonia com o mundo. Somos parte de um organismo vivo, onde cada ação reverbera na dança dos ciclos naturais. Celebramos, em cada colheita, preparo e

conversa sob o manto estrelado, a síntese do conhecimento e da existência – uma sinfonia de vida que nos convida a ser, de forma plena e consciente, os guardiões da terra.

Que este convite ecoe em nossos corações e desperte o desejo de reconectar-se com o essencial. Pois na imensidão da floresta, descobrimos que viver é, acima de tudo, um ato de poesia e amor.

Histórico e contextualização

Desde 2020, o projeto **Arte & Escola na Floresta** tem promovido atividades que interligam a agricultura participativa e a criação artística com mais de 90 encontros e a participação de mais de 1900 pessoas.

Inspiramo-nos na ideia de que, assim como existem “ervas daninhas” na natureza, há também uma ecologia das ideias danosas – aquelas que sustentam relações extrativistas, coloniais e capitalistas. Essa visão, remetida a Gregory Bateson, nos convida a identificar e transformar práticas prejudiciais, criando ecologias sensíveis que regenerem e nutram o ambiente.

Nesse contexto, o pensamento do Antropoceno é revisitado a partir de duas abordagens contrastantes: uma perspectiva apocalíptica que enxerga a ruína como inevitável e outra mais esperançosa, que acredita na possibilidade de reverter a catástrofe por meio do resgate dos saberes ancestrais e da integração com tecnologias inovadoras. Essa tensão propõe um “entre” – um espaço intermediário, conforme sugerido por Bruno Latour – onde a arte, a ciência e as práticas coletivas se encontram para reimaginar nossas relações com Gaia.

Complementarmente, a teoria das “três ecologias” de Félix Guattari amplia o debate, ao integrar a ecologia do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Essa abordagem nos inspira a repensar o modo como habitamos o mundo, valorizando a conexão entre o alimento produzido com práticas agroecológicas e o corpo, entendendo o processo de nutrir-se como um ritual que reconecta o indivíduo ao ciclo vital da Terra.

Por fim, o movimento contra-colonialista e a defesa dos saberes indígenas ressaltam a importância de resgatar uma tradição de convivência sustentável – uma ecologia das práticas sensíveis – que se contrapõe à lógica de exploração e homogeneização. Em nossa vivência, o alimento deixa de ser apenas um produto a ser consumido e se torna um elo simbólico que une o corpo, a terra e a arte, celebrando uma relação mais harmônica e transformadora com o mundo.







Poetizando a Introspecção

Jackeline dos Santos Monteiro

Minha vida é movida em versos que transformam em poemas, cada passo, detalhes, observação, experimento, diálogos, se transformam em corpos de dançam a canção que se encontram na minha introspecção.

Compartilho aqui, parte da dança em poesia que nasceram do decorrer da disciplina “Narrativas (auto)biográficas na formação de professores em ciências e matemática”, do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia, ministrada pelas professoras Carol Barroncas e Mônica Costa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Dentro

Corpo, a mente e a alma em movimentos que dialogam entre si, em sentir esse corpo natureza, partindo daquilo que sou, mulheres amazônidas, em uma inspiração que transcende o convencional, o tradicional.

Acompanhado dos poemas, compartilho fotos da intervenção intitulada “Introspecção” que apresentei na programação da exposição da disciplina, que teve como tema “Curar o Si: a existência como obra de arte.” O autor das fotos se chama Deihvisom, desde já deixo meus agradecimentos a ele, ao Stivisson Menezes que me ajudaram no processo da intervenção artística e na montagem da cenografia.

Memórias

Cântico incomum
Vento acelerado,
Como crianças correndo
Em meio a chuva.
Pássaros conversando
Vértebra inquietante
No movimento incomum
Em um espaço instigante.
Nem tudo o que parece
Precisa ser,
Imaginar o abstrato
É a permissão da vida
Em movimento espiralado,
Como um parafuso aveludado.

A imaginação é como surfar
Na adrenalina das ondas
Quase que a voar,
Na imaginação,
O coração toca
Sua própria canção.

No quintal das memórias
A mente faz escolhas,
Dentre elas, os prazeres
O encontro do desencontro
Pensamentos emaranhados,
Como arames farpados.

Larga mão desse controle
Olhe para dentro de si
A vida é poesia
É brincar com o devir.



Força feminina

Objeto do ser e não ser,
Do não ser acolhida,
Suporte do engolir,
Da luta incompreendida.

Respira, mulher!
Mas não pira
Na complexidade machista
Que em tudo julga
A sua autonomia.

No útero,
A chama da força,
Da multiplicação da vida
Do milagre da caminhada
do sagrado que inspira.

De dentro dela
Nasce e renasce
As vidas da sociedade,
Semeando sonhos,
Cultivando liberdade.

Com cada batida do coração,
Ela carrega o peso do mundo,
Ela dança com a esperança,
Encontrando seu mundo.

Seus olhos são espelhos,
Refletem histórias e lutas,
A sabedoria das ancestrais
que nunca se escutam mudas.



Quebrando as correntes,
Ela se ergue, plena e forte,
Seu ser é um manifesto,
Um grito de liberdade,

E assim, mulher,
no ciclo eterno da vida,
você é a voz,
o símbolo infinito
da existência.

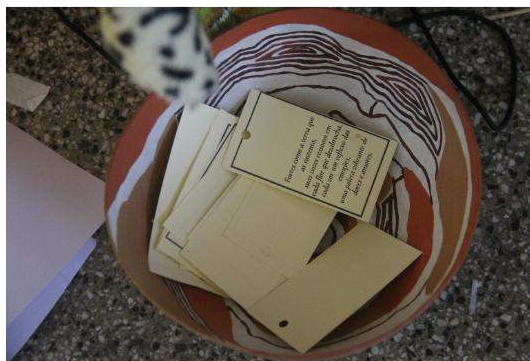
Janelas Abertas

As janelas abertas
são caminhos que
transcendem os segredos
da alma.

Inspira, expira,
mas não desespere.
Segure nas mãos
daqueles que vieram
antes de nós,
para que hoje possamos
existir.

Somos a continuidade
de sonhos que partiram,
de amores infinitos,
dos abraços compartilhados.

Olhe ao seu redor:
nem tudo precisa ser dor.
Floresça seu jardim



com as mais belas flores.

Faça da confusão
sua mais bela canção,
com melodias que transmutam
a alegria de viver,
cada dia como se
não houvesse amanhã.



Baú das memórias

No baú das memórias,
imagens gritam em silêncio,
palavras esquecidas
de uma jornada confusa.

É a luta da aprendizagem,
na escola da vida,
que, em suas nuances,
invade a gaveta interior,
roubando pedras que
aparentemente não
machucavam.

Calma, as pedras pesam,
mas não é preciso carregar.
Lembre-se: elas sempre
existirão.
Faça o que sempre fez,
junte-as, construa degraus,
suba passo a passo,
com a certeza de que sua força
vem do seu “eu” interior.



Abrace a vida,
dance com os medos,
dance com as incertezas,
dance com as lembranças.
Guarde no baú das
memórias
apenas o essencial,
com a liberdade de abri-lo
sempre que precisar.



Jardim das ancestrais

No jardim das ancestrais, flores
brotam,
cada pétala uma história, um
legado,
mulheres que dançam no vento
do tempo,
tecendo a trama da existência em
cada passo.



Memórias sussurram entre as folhas,
o eco de risos, lágrimas e esperanças,
um desencontro entre o ser e o querer,
mas também o encontro de si mesma,
nas raízes profundas do que se foi.

Fortes como a terra que as sustenta,
suas vozes ressoam em cada flor
que desabrocha,
cada cor um reflexo das emoções,
uma paleta vibrante de dores e amores.

Olhos que carregam a sabedoria das eras,

um autorretrato desenhado em nuvens,
navegando mares de incertezas e sonhos,
buscando no presente a essência do passado.

No espelho do jardim, floresce a força,
cada flor uma afirmação, uma conquista,
nascem do solo fértil de suas lutas,
um hino à vida, à luta, ao amor,
celebrando a beleza de ser quem se é.

Assim, no entrelace do
tempo e da memória,
as mulheres florescem,
firmes e serenas,
plantando sementes de
esperança,
cultivando um mundo onde
o encontro é eterno,
e o ser, uma sinfonia de
cores e vida.



Corpos-contos: a escuta pelo corpo-natureza amazônico

Melissa Fayad

“A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa.”

Mia Couto, O Outro Pé da Sereia

A ideia de produção dos corpos-contos: a escuta pelo corpo-natureza amazônico surgiu como tentativa de responder à pergunta sobre quantas amazônias existem dentro da Amazônia, indagada durante a jornada de “Experimentação corpo-natureza no professorar amazônico, promovido pela Escola Normal Superior - ENS/UEA.

Obedecendo uma certa temporalidade, o uso da técnica da escrita poética se justifica como uma tentativa de mergulho nessas experiências vividas e traduzir, por meio dos contos, as múltiplas dimensões dessa imersão.

Cada conto é um corpo-fragmento dessa vivência, uma resposta poética que dialoga com as diversas facetas da Amazônia – desde sua fetichização, sua cidade, suas pessoas, e os outros mais-que-humanos que a compõem. A seguir, apresento os títulos dos contos que compõem este corpo de relatos:

O som da cidade é uma buzina que não tem fim
Preparação física, como quem se prepara para uma maratona
Uma jornada é uma jornada
Um dia de chegada
Paisagens silenciadas
Quantas florestas precisamos atravessar para enfim chegar?

Paisagem colonizada
A Floresta reivindica o seu lugar
Igarapé: o oráculo da floresta
Não custa lembrar
Escutar como quem investiga
Poema manifesto

O som da cidade é uma buzina que não tem fim

Os carros e caminhões passando pelas ruas, motocicletas buzinando, cachorro latindo, a vizinha ao lado que escuta a missa do galo pelo rádio todo dia às 18 horas da tarde, o interfone que toca avisando da encomenda que chegou - são sons que normalmente definem as paisagens urbanas.

Em uma plano pessoal, passar o dia ao lado da minha avó que estava internada no hospital, me possibilitou tocar outras texturas sonoras: o telefone da recepção que não parava de tocar, as máquinas e aparelhos utilizados pela equipe médica, a máscara de oxigênio que soltava o ar ritmicamente, o *check-up* médico realizado todo dia pela manhã, o abrir da porta do quarto no meio da noite, o barulho do interruptor acendendo a luz, e a própria luz, que de repente se ascendia, produzia uma música própria nada agradável aos meus sentidos.

Pessoas acostumadas a esse diálogo civilizatório moderno, normalmente ignoram outros sons que conversam com essas paisagens. Os sons de pássaros se perdem em meio ao ruído da cidade; o rio que corre freneticamente passa despercebido por quem está dentro dos veículos e quem se aventura caminhar às suas margens nem sempre está aberto para escutar os sons produzidos por esse corpo de água e outras formas de vida de seres-mais-que humanos.

Atravessada por essas experiências sensoriais, depois de um período de 2 anos vivendo e estudando em uma região remota de Devon, no sul da Inglaterra, recebi um convite para compor um

grupo de professores e alunos para uma imersão em uma Escola Floresta na Amazônia, em Manaus.

Preparação física, como quem se prepara para uma maratona.

A minha expectativa era estar física e emocionalmente bem para pisar na floresta. Após aprofundar meus estudos sobre Ecologia Profunda (Næss, 1973) e entender que a solução para a polícrise global que vivemos perpassa por uma reconexão com a terra, ter a oportunidade de conhecer um pedaço da Amazônia era a realização de um sonho do qual eu me sentia pronta.

Mas as semanas que antecederam essa experiência foram pessoalmente caóticas, intercalando compromissos profissionais com uma rotina de hospital exaustiva. O ruído da cidade, a essa altura, me incomodava de uma maneira intensa, e eu só desejava um lugar de paz e tranquilidade para estar, sem os barulhos de automóveis, buzinas e construções.

Uma jornada é uma jornada

Foram necessários anos se preparando para esse momento e um dia de viagem completo de viagem. De Uberlândia a São Paulo, reservei algumas horas para rever um amigo antes de seguir para Manaus. Daniela e Beto me aguardavam no aeroporto para seguirmos até o hotel.

Já na chegada, foi possível perceber uma outra camada sonora. Desta vez, era a temperatura e a umidade do ar que saudavam o meu corpo.

Um dia de chegada

O dia seguinte foi chegando em Manaus. Chegamos inicialmente no Museu da Amazônia (MUSA), área de floresta de terra firme, nativa, distribuída em 100 hectares de reserva - um convite para explorar a floresta a partir dos sentidos.

Ao subir o degrau da torre de 42 metros, foi possível avistar os contornos da reserva contrastando com a cidade. Experimentei contar os degraus como quem conta a altura e idade das árvores. Requer um certo fôlego e uma coragem para superá-las no topo.

De cima, os limites entre cidade e floresta não parecem uma luta de dois mundos aparentemente tão antagônicos. Mas ao fixar o olhar por alguns minutos no contorno entre floresta e cidade, um verbo me veio à mente: esmagamento. Aproximando um pouco mais a visão, os tons verdes se apresentavam, numa dança que comporta em perfeição todos os corpos. Já de volta ao chão, as raízes das árvores davam o tom dessa conversa secreta entrelaçada.

Caminhar por essa reserva de mata nativa, me fez pensar em como seria a experiência do dia seguinte.

Paisagens silenciadas

Uma pausa para o almoço e, à tarde seguimos para visitar o Parque das Tribos e conhecer Vanda Witoto, a primeira mulher indígena a receber uma dose da COVID-19 no estado do Amazonas. Apesar da visibilidade daquele feito e do trabalho para realizar atendimento no bairro às pessoas infectadas à época, sua causa e o seu trabalho voltado à conservação da identidade, cultura e saberes dos povos tradicionais impressionam tanto quanto.

Às vésperas de defender seu título de graduação pelo curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas, Vanda compartilhou que o pedido de documentos para ingressar na faculdade a motivou a uma busca por sua origem—uma jornada que, posteriormente, revelou sua ancestralidade Witoto.

Dessa vez, as paisagens eram diferentes. O som do silêncio, que levou ao desaparecimento temporário de uma língua, foi o que permitiu a sobrevivência do seu povo.

Quantas florestas precisamos atravessar para enfim chegar?

Após um dia chegando em Manaus, enfim conhecemos o nosso destino: a Arte & Escola na Floresta, localizada na Área de Proteção Ambiental (APA) do MUSA. O espaço faz parte de um coletivo formado em 2020 remanescente do povo Tikuna e de agricultores orgânicos. A proposta do coletivo é explorar a Arte, Ciência e a Vida por meio do cultivo de alimentos em sistemas agroflorestais, do cultivo de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS) e da promoção de vivências, oficinas e pesquisas em parceria com professores e associações.

O local possui uma estrutura de conforto importante: quartos para dormir com redatórios, chuveiros elétricos e banheiros, uma área comunitária onde atividades de socialização são desenvolvidas, e uma cozinha integrada a esse espaço. Esse tipo de estrutura normalmente é o que consideramos mínima para viagens e passeios. Os dias que se passaram foram dedicados a atividades de vivência e imersão na Floresta.

Paisagem colonizada

Normalmente, percebo que as minhas projeções sobre os sons das florestas eram muito próximas daquelas músicas ambientes, com o som dos pássaros e da correnteza das águas ao fundo. Dependendo do local, imaginava também o som de outros animais, como galinhas, galos e outros bichos domésticos.

Em essência, a minha imaginação insistia na rendição da Natureza como serva de um estado de paz que eu tanto almejava.

A floresta reivindica o seu lugar

A primeira noite na Floresta não foi um sono tranquilo. Na hora de me deitar, o encontro com uma aranha na escada que levava ao quarto, foi o suficiente para me manter em estado de alerta. A decoração do quarto, com barbantes pendentes amarradas

no teto, aguçou minha necessidade de segurança - de tempos em tempos, eu acendia a lanterna para certificar de que não havia nada na rede ocupando o mesmo espaço que eu. Os sons das cigarras cantando do lado de fora me mantiveram acordada e, quando finalmente ia pegar no sono, os galos começaram a cantar. Um canto forte e prolongado como se estivesse comunicando entre si, adentraram a madrugada até o momento em que, após rápidos cochilos, decidi que era hora de se levantar.

Igarapé: o oráculo da floresta

No dia seguinte, participamos de uma atividade de manejo na agrofloresta e plantação de mudas, ficamos temporariamente sem o abastecimento de água, cozinhamos algumas receitas com PANCS e brincamos na chuva para diminuir o calor. Todos esses momentos foram aproveitados por nós, acompanhados de conversas, reflexões e muitos sons. Quando a chuva cessou, nos preparamos para enfim conhecer o Igarapé.

Não custa lembrar

Otto Scharmer, em *Theory U: Leading from the Future as It Emerges* (2009), afirma que a qualidade da intervenção depende da condição interna do interventor. Estar presente, sustentar um campo que te permita a escuta ativa e sem julgamentos, requer atenção e muito exercício. Em situações em que não estamos presentes, nossa capacidade de escuta se reduz.

Escutar como quem investiga

"Faça uma caminhada à noite. Caminhe tão silenciosamente que as solas de seus pés se tornem ouvidos."

— Pauline Oliveros

Como seria escutar uma árvore da selva amazônica? O que o Igarapé tem a nos dizer? Quando nos fazemos esse tipo de pergunta, alguns podem achar que a resposta virá a partir de uma lógica humana eurocentrada, como se a natureza tivesse que se comunicar com a gente na nossa própria língua. Escutar profundamente requer muita prática.

O convite, então, foi para desacelerar. E para isso, a primeira coisa que pedimos foi que as pessoas fechassem os olhos e se conectassem aos próprios corpos:

"Escutem o seu corpo como quem escuta um instrumento para afiná-lo."

Durante a prática, utilize a respiração para ajudar na concentração.

"Algo dói? O que é? Alguma sensação de prazer e/ou relaxamento? Aonde?"

Após examinar minuciosamente o corpo, volte a atenção para o exterior e, aos poucos, abra os olhos. Comece a caminhar vagarosamente, de forma que a sola dos seus pés se torne orelhas. Como é o som da pisada do nosso pé com o contato com a terra? Como é o cheiro ao caminharmos? Que cores percebemos? E, por fim: "como são os sons da floresta quando silenciarmos e damos espaço para outros sons preencherem o ambiente?"

Poema manifesto

Eu fiquei imaginando
como seria chegar na floresta,
respeitando às tradições e saberes
e não chegar aqui achando que tenho respostas –
eu queria apenas estar e aprender.
Tenho refletido sobre essa questão da floresta há algum tempo.
Uma vez, vi um vídeo de Ailton Krenak,
no qual ele nos convida a um movimento de florestania,
em que deixássemos a floresta crescer na cidade
e, também, em nós.

Somos a floresta,
apenas não nos reconhecemos como tal.
No primeiro dia, quando dormia,
fiquei muito ligada aos sons.
Os sons da cidade têm sido algo que me incomoda,
pois, depois de ter passado um tempo num lugar com 4 mil
habitantes,
fui jogada, cuspidada na cidade.
Na cidade, o som é horrível –
som de carro, buzina,
e se você mora num apartamento alto,
parece que os sons te atropelam (não apenas os automóveis).
Fiquei pensando:
quem normalizou que o som de automóveis é algo bom?
Quando cheguei aqui, com a expectativa do silêncio,
percebi que há mais sons:
o som dos grilos e das cigarras
e o som do galo que não para de cantar.
Achei muito interessante escutar os galos cantando à noite,
porque traz a noção
de que o galo é uma pessoa –
não humana, mas uma pessoa.
Eles estavam conversando,
como se tivessem marcado o território.
O som do galo é outro,
diferente daquele que aprendemos –
parece um latido.

Referências

NÆSS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement. *Inquiry*, v. 16, n. 1-4, p. 95-100, 1973.
OLIVEROS, Pauline. *Deep Listening: A Composer's Sound Practice*. New York: Oxford University Press, 2005.

SCHARMER, Otto C. *Theory U: Leading from the Future as It Emerges*.
San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2009.

Mulheres-Árvore: um depoimento

Domingos Loureiro

Chegar à Amazônia representou a concretização de inúmeras expectativas, alimentadas por diversos pretextos e curiosidades. Desde a dimensão colonial da qual sou herdeiro, ao temor pelos invisíveis seres que povoam a memória deste território tão exótico, tão vasto, tão complexo, mas igualmente tão concreto, tão frágil, tão interdependente. É por direito internacional, o lugar sagrado da natureza mais pristina, da pureza da flora e da fauna e daqueles que ontologicamente a ela estão conectados. É, por direito cultural, o lugar da floresta, o lugar da árvore.

A árvore é a figura que me tem fascinado com maior frequência desde a adolescência. Sempre desenhei árvores. Todavia, sempre as percepcionei como se fossem seres humanos, como figuras singulares, num retrato que as caracteriza no anonimato da sua identidade.

Por muito tempo observei os passantes, tentando decifrar, de forma instintiva, quem seriam, como se sentiriam, o que fariam no seu dia a dia, como se divertiam, se estavam decepcionados com a sua vida, se tinham alguém para partilhar o amor, se estavam felizes, se se sentiam vivos. Nunca me importei em saber se minhas impressões estavam corretas, pois não queria perturbar a vida desses anônimos com quem me cruzei.

Hoje já não desenho árvores com frequência, nem me dedico a decifrar a vida dos que cruzam o meu olhar. Talvez eu observe menos do que antes, talvez tenha aprendido que escutar é mais valioso do que adivinhar. Assim, ao me preparar para esta viagem que agora se encerra, concentrei-me em ativar os meus sentidos para poder ouvir, porque esta escuta será certamente com mais sentidos do que apenas a audição. Como referiu Melissa Fayad em uma das sessões destes dias, essa escuta envolve mais do que a audição. Ouvir, sentir, acolher, receber, partilhar, observar, refletir. Assim cheguei em Manaus, na

Amazônia, acreditando estar preparado para absorver tudo o que este lugar poderia me oferecer. Pelo menos assim me achava.

Vanda, Carol, Mônica, Nora, Fanuela, Hadassa, Daniela

Cada uma dessas mulheres – e uma delas ainda a caminho de se tornar – é uma árvore. Não tenho dúvidas. Talvez não as reconhecesse assim em um breve encontro na rua, mas agora sei com certeza. Como as árvores da floresta amazônica, cada uma possui uma essência única e indispensável. Essas mulheres que conheci na Amazônia são uma janela para compreender a essência desse território tão especial, imponente e, ao mesmo tempo, frágil.

A Amazônia é um espaço de paradoxos: uma vegetação exuberante brotando dos solos mais pobres, a abundância de água contrastando com o calor extremo e sua escassez. A floresta, densa e misteriosa, esconde em seu solo arenoso e argiloso a ausência de pedras. Dos animais gigantes como o pirarucu aos menores insetos que sustentam as árvores mais poderosas, tudo exige equilíbrio, tudo desafia.

A floresta é ainda habitat, de espécies mais ou menos assustadoras a presas que se ocultam nas águas turvas ou na escuridão da noite e da paisagem. Mas também é lar de civilizações, palco de histórias de conquista, destruição e tragédia. Povos indígenas, crioulos, africanos, iberos, europeus, americanos, asiáticos e árabes se encontram, de formas evidentes ou sutis. Desde os povos originários que a oralidade preserva e esconde, aos descendentes de escravos trazidos pelos meus antepassados despojados das suas famílias, lugares e tradições, e sobretudo tratados com o desprezo que a história resiste a remediar. Dos colonizadores que ocuparam, devastaram e que, mesmo sendo outros, parecem insistir na demanda do domínio, pela exploração dos recursos, da indústria e da agricultura. E dos habitantes das margens dos rios e da floresta que foram obrigados a partir, convivendo com aqueles que não compreendem a importância deste território. Turistas, garimpeiros, madeireiros, traficantes, agricultores, pesquisadores, políticos, missionários – todos exercem pressão sobre este ambiente tão delicado.

É nesse contexto que encontramos estas árvores-mulher, ou como veremos mais tarde, estas mulheres-árvore.

Vanda é, hoje, uma indígena orgulhosa. Nem sempre o soube, nem sempre o pode afirmar. Contudo, continua à procura de recuperar e reivindicar toda a sua cultura e a dos que, tal como ela, se viram privados, reduzidos e ostracizados, no mais importante da sua identidade, a herança cultural. Vanda é líder indígena, *tia* e exemplo para as crianças do Parque das Tribos, em Manaus, e *parente* de todos os que, como ela, não puderam ou sabiam do poder que representam e podem assumir. Vanda é líder mulher, que recebe o respeito de presidentes da república antes de merecer o apoio público de muitos que lhe são próximos, pelo medo que os invadiu.

Carol, também descendente de indígena, por via da avó materna, recebeu o interesse e o estudo pelo poder transformador e recuperador das plantas. Contudo, é de relevar o papel que, tão sutilmente, vai desempenhando no empoderamento de tantas figuras que, por alguma razão, sentiram ter perdido esse poder. Docente e investigadora, ela confronta o conhecimento científico com o que lhe foi transferido na herança familiar, preservando e partilhando, ainda que de forma aparentemente tímida, o forte conhecimento que recebeu da sua ancestral.

Vanda e Carol foram diretamente afetadas pela crise pandêmica da Covid-19, que dizimou milhares de pessoas na região amazônica, entre eles o irmão de Carol e muitos membros da comunidade indígena, abandonada entre ficções políticas e discriminações efetivas, e falta de materiais e recursos. Vanda lutou pela proteção dos povos ostracizados na pandemia, como relato evidente da forma como a discriminação sobre os povos originais ainda se mantém. Carol e Vanda são hoje parceiras, como forças que afirmam o seu poder singular e que, em conjunto, constroem a escada que dará acesso à luz da reivindicação do direito que lhes é devido, o de afirmar a potência das suas raízes e de suas vozes, o direito de mostrar a sua riqueza cultural e humana.

Mônica, mãe de Miguel, Aurora e Pérola, é um exemplo de amor e resiliência. Como uma árvore da floresta, acolhe aqueles que precisam de apoio para alcançar a luz, construindo um abrigo protetor

e de vida, um novo jardim de fraternidade. Seu humanismo reflete o equilíbrio natural da floresta, sustentando e sendo sustentada pelos que a cercam.

Nora é planta que chegou de fora, como o é também Fanuela. Se a primeira vem da Europa, de onde chegaram hordas de colonizadores (Portugueses, Espanhóis, Franceses, Neerlandeses, Alemães, ...) a segunda tem sua origem em África, nos povos mobilizados e explorados pela força dos que os arrancaram dos seus lugares do outro lado do Atlântico. Se Fanuela é corpo invadido, herança da atrocidade que os meus antepassados realizaram, é igualmente corpo estranho que encontrou lugar na Amazônia, junto das comunidades quilombolas e dos povos da floresta. Por sua vez, Nora, descobre na Amazônia, uma vez mais por ação da pandemia, um lugar de reencontro e de proteção, tomando a floresta como um local onde se encontra e defende a sua preservação. Ambas personificam o paradoxo deste território – um espaço de encontros e contradições, mas onde se podem encontrar pela convivialidade e respeito e não pela opressão e exploração.

Aqui chegamos a Hadassa, uma menina de 9 anos, com nome de origem judaica, com pele morena, atenção e curiosidade afiada, e com uma rara consciência do seu poder. Certamente resulta da educação que sua mãe lhe foi assegurando, nas difíceis condições de viver com renda baixa, numa casa que alaga sempre que o igarapé sobe. Hadassa vai ser médica, ter uma casa, e viajar. Vai ser artista, provavelmente, pelo fascínio e criatividade que partilha com enorme orgulho, conciliando arte e ciência de forma tão natural. Menina forte, evidencia um poder que parece resultar da combinação de todas estas mulheres incríveis que foram lutando para que a geração futura possa ter exemplos orgulhosos como Hadassa. Ainda ponderei colocar aqui a figura da sua mãe, também ela uma mulher-árvore, mas quero esperar pelo momento em que também ela encontre o seu lugar na luz, na copa da floresta onde merece estar, pela consciência e sensibilidade que teve oportunidade de experienciar. Espero que as circunstâncias contraditórias que a foram afetando, não a atrasem mais a afirmar todo o seu poder e a sua força, onde quer que ela decida atuar.

E então, Daniela. A árvore que não é da Amazônia, mas que pode ser comparada à Samaúma. Como nos ensinou a guia na viagem ao encontro das águas dos rios Negro e Solimões, a Samaúma armazena água em suas raízes para nutrir outras plantas na seca. Além disso, sua madeira oca permite que, ao ser golpeada, produza um som que ecoa a três quilômetros de distância, servindo de guia para quem está perdido. Daniela desempenhou esse papel: reuniu, nutriu e conectou todas essas mulheres, numa floresta cheia de árvores tão fortes, de mulheres-árvore. Daniela foi a guia e mentora de um grupo de figuras tão diferentes e tão complementares, conciliando um espaço de partilha e de respeito constante, onde se inclui Maria Luz, de Espanha, Leandro, do Sul do Brasil e eu, de Portugal.

As mulheres deste pequeno texto são reais. São forças vivas do poder que as mulheres têm no contexto da Amazônia, com um poder tão forte que só podem ser comparadas a árvores. Não é, contudo, uma história isenta de figuras masculinas, como Emerson ou Beto. Os homens me parecem os animais da floresta, que se escondem na força das árvores, muitas vezes por opção. ‘Meu bem’, de Vanda Witoto, ‘Bonito’ de Daniela Franco Carvalho, o gentil felino da agrofloresta que aproximou Nora da Amazônia, ou todos os homens que, inteligentemente souberam reconhecer o poder das mulheres com quem decidiram viver, dando espaço para que estas não sejam ofuscadas e possam brilhar da forma que merecem. Lembro a história de Vanda ao falar do seu pai, agora publicamente orgulhoso da sua origem Witoto. Lembro da Carol e do seu marido, tão feliz por estar junto a sua esposa.

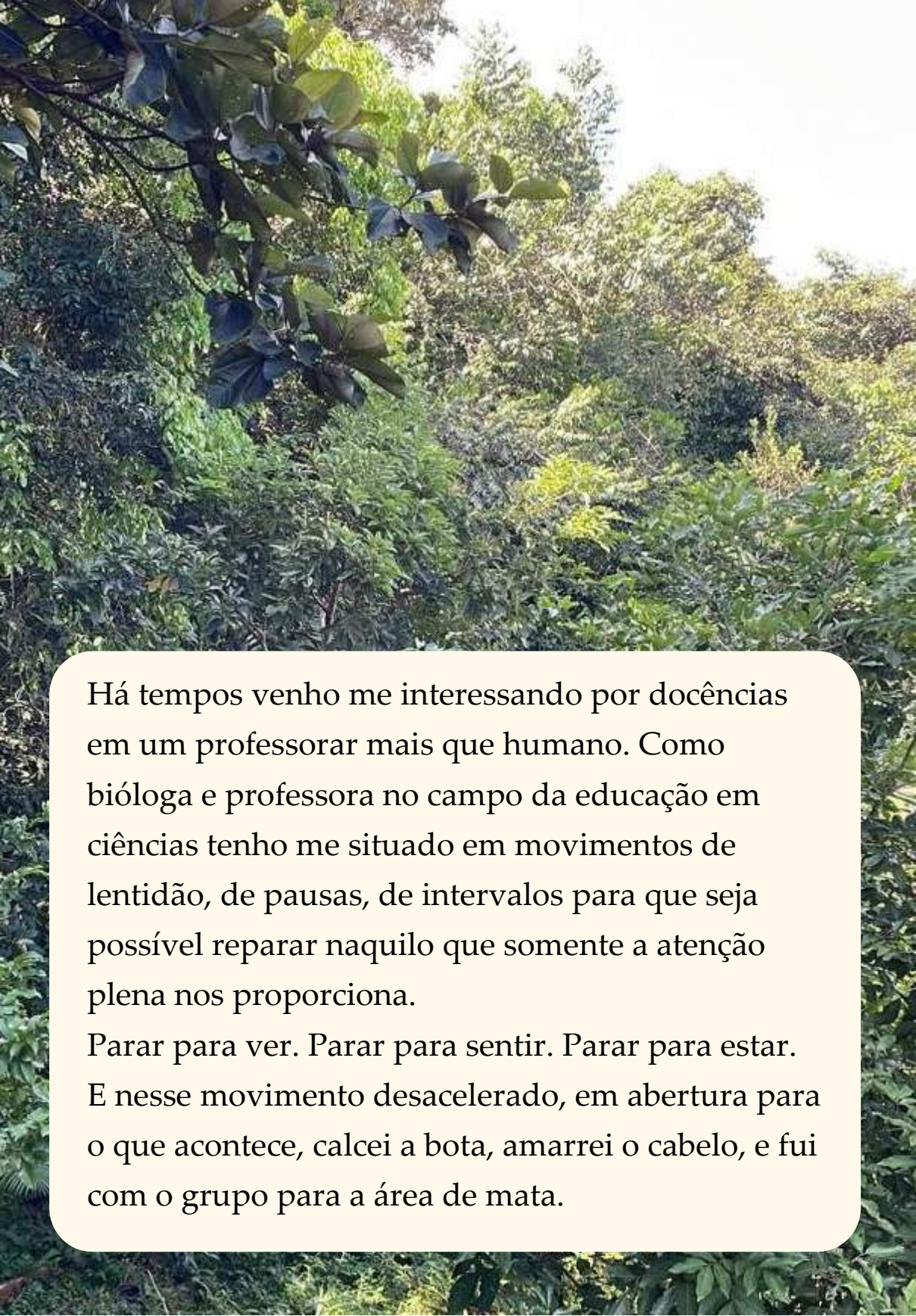
E lembro-me de mim, por saber da mulher incrível que é a Liliana. Ela, se fosse uma árvore, ainda que não fosse nativa da Amazônia, seria reconhecida e acolhida por seus pares, certamente. Talvez por isso eu tenha deixado de desenhar tantas árvores – porque já encontrei a minha, Liliana.

Manaus, junho de 2024.

Energias foliares em verdes amazônicos

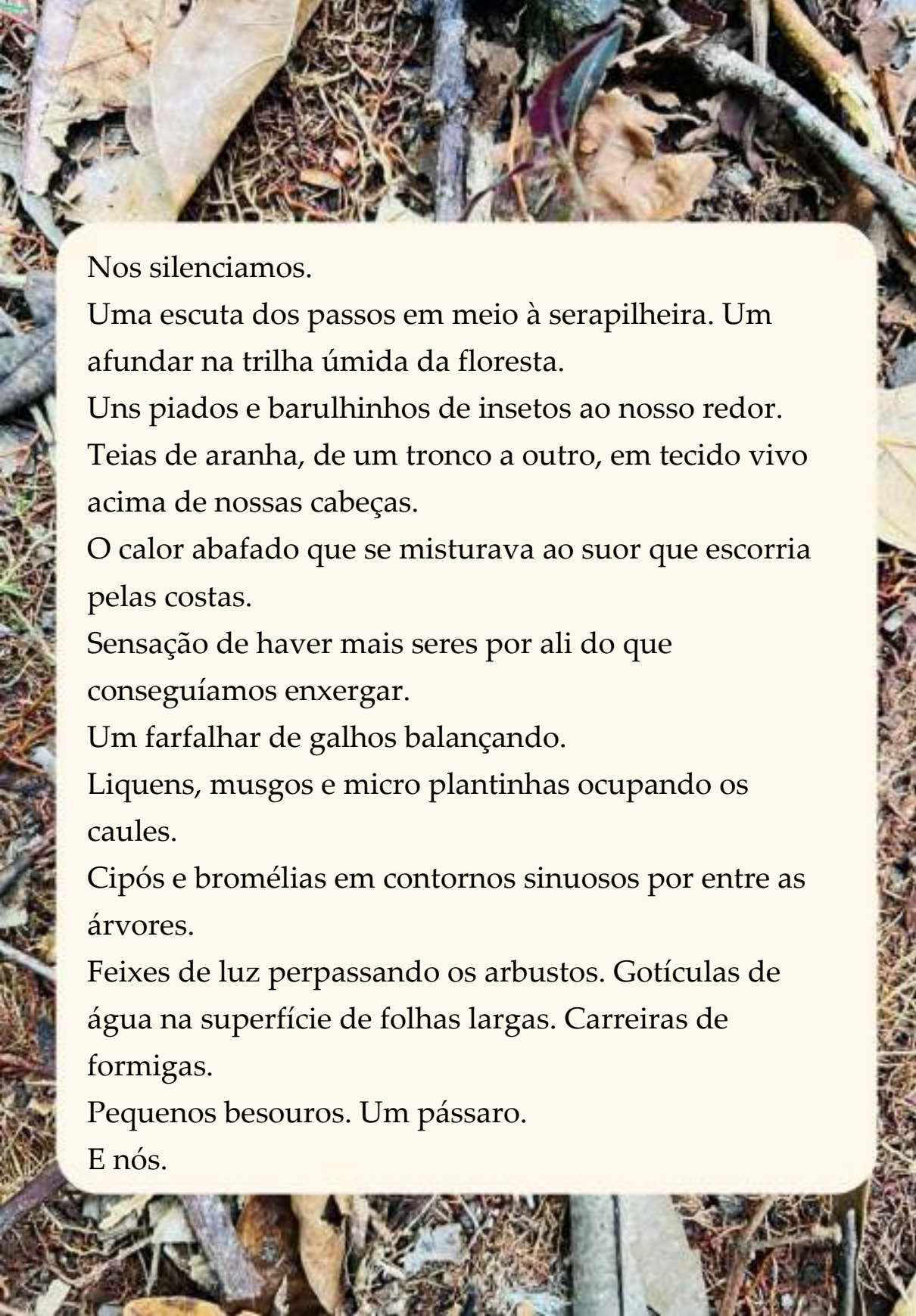
Daniela Franco Carvalho





Há tempos venho me interessando por docências em um professorar mais que humano. Como bióloga e professora no campo da educação em ciências tenho me situado em movimentos de lentidão, de pausas, de intervalos para que seja possível reparar naquilo que somente a atenção plena nos proporciona.

Parar para ver. Parar para sentir. Parar para estar. E nesse movimento desacelerado, em abertura para o que acontece, calcei a bota, amarrei o cabelo, e fui com o grupo para a área de mata.

A close-up photograph of a forest floor, showing a dense layer of dry, brown leaves, twigs, and small plants. The background is slightly out of focus, emphasizing the texture of the forest floor.

Nos silenciemos.

Uma escuta dos passos em meio à serapilheira. Um afundar na trilha úmida da floresta.

Uns piados e barulhinhos de insetos ao nosso redor.

Teias de aranha, de um tronco a outro, em tecido vivo acima de nossas cabeças.

O calor abafado que se misturava ao suor que escorria pelas costas.

Sensação de haver mais seres por ali do que conseguíamos enxergar.

Um farfalhar de galhos balançando.

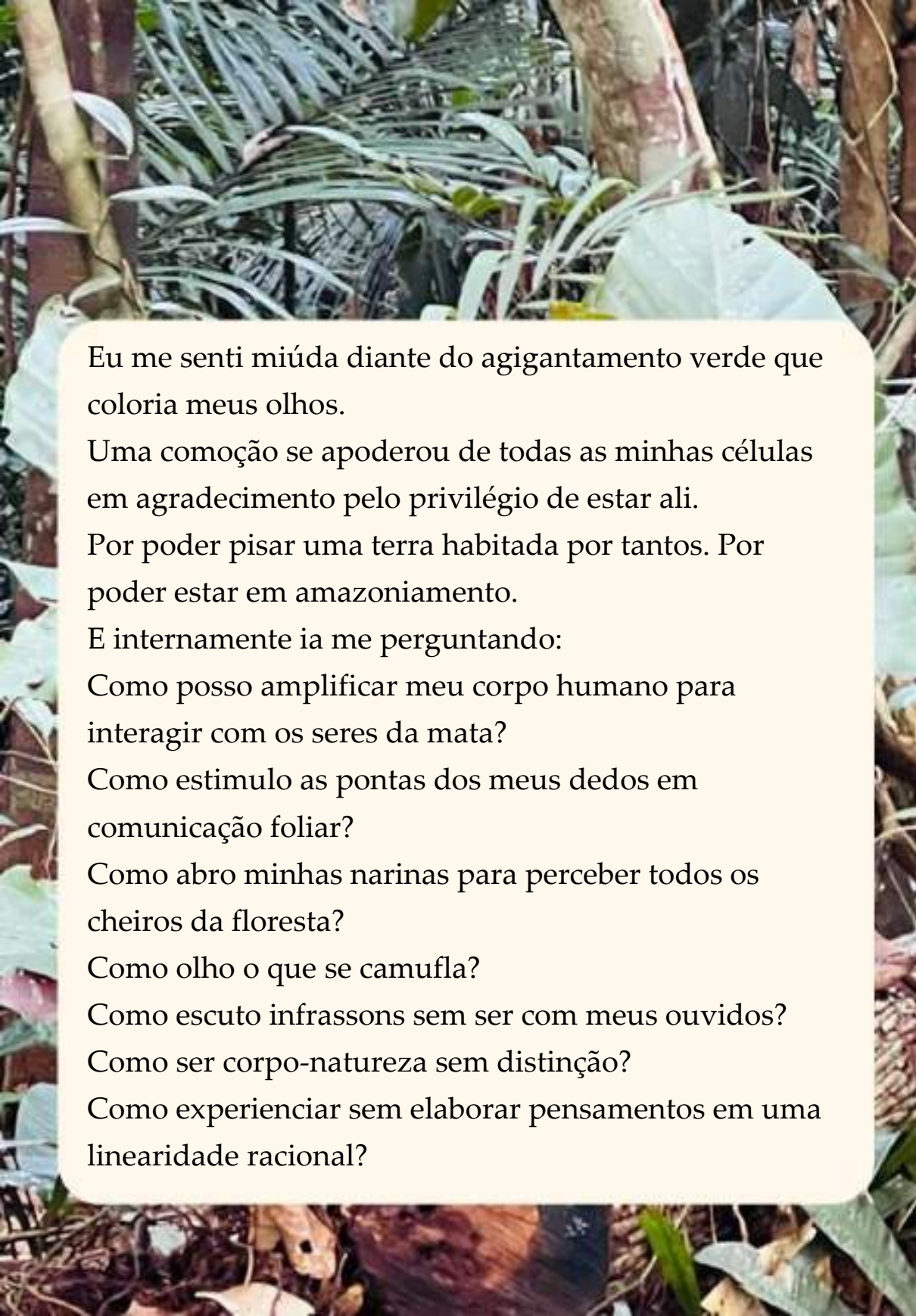
Líquens, musgos e micro plantinhas ocupando os caules.

Cipós e bromélias em contornos sinuosos por entre as árvores.

Feixes de luz perpassando os arbustos. Gotículas de água na superfície de folhas largas. Carreiras de formigas.

Pequenos besouros. Um pássaro.

E nós.



Eu me senti miúda diante do agigantamento verde que coloria meus olhos.

Uma comoção se apoderou de todas as minhas células em agradecimento pelo privilégio de estar ali.

Por poder pisar uma terra habitada por tantos. Por poder estar em amazoniamento.

E internamente ia me perguntando:

Como posso amplificar meu corpo humano para interagir com os seres da mata?

Como estímulo as pontas dos meus dedos em comunicação foliar?

Como abro minhas narinas para perceber todos os cheiros da floresta?

Como olho o que se camufla?

Como escuto infrassons sem ser com meus ouvidos?

Como ser corpo-natureza sem distinção?

Como experienciar sem elaborar pensamentos em uma linearidade racional?



Aos poucos me aproximei de uma árvore enorme com o caule fino. Toquei com minhas mãos envolvendo o tronco.

Fechei os olhos. Imaginei que meus dedos pudessem emanar a energia do meu corpo para o floema daquele vegetal. Partículas amareladas brilhantes se desprendiam da minha epiderme e se empoçavam numa mistura com as células vivas arredondadas do parênquima microscópico que eu passei a enxergar.

Um colorido frutacor metalizado passou a entrar por minhas unhas.

Fui me percebendo num verde esmeralda brilhante.

Ao mesmo tempo que me via, sobrepunha meu olhar para as estruturas que constituem o tecido vascular.

Percebi o elemento de tubo crivado, as conexões citoplasmáticas, as células companheiras, seus núcleos e ainda mais internamente, pequenas vesículas de açúcares e outros compostos orgânicos. Ao mesmo tempo que via numa dimensão gigantesca, como se as estivesse vendo ao microscópio eletrônico, percebia rajadas de faíscas alaranjadas que percorriam todo o meu campo de observação.

Fiquei imaginando o que seria aquilo.

Tentei acompanhar uma delas, mas a velocidade era exorbitante.

Aos poucos fui observando pequenos bastonetes com uma serpentina interna.

Em um zoom me aproximei e percebi que estava diante de uma mitocôndria, da membrana com uma camada de fosfolipídeos.

Vi a molécula de ATP sintase, que parecia um moinho girando com muita rapidez engolindo átomos de hidrogênio. As faíscas eram pura energia.

Eram o ATP.

Adenosina trifosfato.

E num segundo consegui enxergar o oxigênio: pequenas esferas avermelhadas unidas por um bastão rodavam na minha frente.

Olhei para meus braços, pernas, abdômen e estava completamente forrada por essas micropartículas que me puxaram para dentro da crista mitocondrial. Num milissegundo se uniram aos fosfatos, adenina e ribose.

Uma explosão alaranjada. Eram as faíscas que acompanhara antes. Vivi a respiração celular.



Abri os olhos, ofegante.

Perguntei a um colega, que estava conosco na mata, quanto tempo permaneci ali. Ele estimou algo em torno de um minuto.

Um minuto!

Pensei ter ficado uma hora naquela imersão vegetal fotossintetizante.

Demorei para perceber que estava ainda na mesma posição de quando iniciei meu diálogo interno com aquela espécie botânica.

Nossa comunicação energética pelas moléculas de ATP.

ATP plantae. ATP bacteria. ATP animalia. ATP protozoa. ATP fungi.

ATP chromista.

A mesma configuração atômica independentemente do organismo vivo.

Somos ATP.



Corpos vivos por combinações

$C_{10}H_{16}N_5O_{13}P_3$

Crédito das fotografias: Beto Oliveira
@betoclick

Sentindo a Terra, batendo o coração. O sublime e nosso sentido de lugar no mundo

Maria Luz Ruiz Bañón

Las experiencias virtuales están cada vez más en auge. Viajar sin moverse, gracias a unas gafas 3D, permite estimular los sentidos y generar la ilusión de estar en un lugar lejano. Sin embargo, por más avanzada que sea la tecnología, ninguna simulación puede igualar la sensación de experimentar físicamente un entorno como el Amazonas. Respirar su aire, sentir la humedad penetrando la piel, percibir el olor a tierra mojada o enfrentarse a lo inesperado son vivencias que trascienden lo virtual.

Este capítulo explora la vivencia personal de adentrarse en la selva amazónica, analizando desde una perspectiva antropológica y sensorial cómo una occidental de hábitos urbanos experimenta esta inmersión, enfrentándose a un entorno que desafía sus referentes culturales y perceptivos. Reflexiono sobre la relación entre el cuerpo, la naturaleza y el sentimiento de colonización, así como la transformación que ocurre en la percepción de uno mismo dentro de este bioma. Según Kant (1764/2017), lo sublime y lo bello generan sensaciones agradables, pero de distinta naturaleza. Ante lo bello experimentamos un sentimiento agradable, mientras que lo sublime nos sobrecoge, produce agrado acompañado de asombro y cierto temor. Esta dualidad se manifiesta con fuerza al confrontar la majestuosidad de la naturaleza en su estado más puro, donde la inmensidad y la fuerza de los elementos pueden evocar tanto admiración como sobrecogimiento. La selva amazónica representa ese extremo de lo sublime; un territorio que desborda los sentidos y nos sumerge en lo desconocido confrontándonos con nuestra propia fragilidad.

Como artista, mi sensibilidad se vio profundamente afectada por esta experiencia. No solo fui testigo del entorno, sino que me

convertí por unos días en parte de él. Las palabras son insuficientes para expresar la magnitud de lo vivido. Las emociones, las texturas, la densidad del aire, la luz que atravesaba las hojas de los inmensos árboles, la cacofonía de sonidos y la presencia latente de lo imprevisible escapa a cualquier descripción verbal. Comprendí que mi forma más auténtica de canalizar y transmitir lo experimentado debía ser a través de la imagen y el sonido, el lenguaje que suelo usar en el arte. Como resultado directo de esta vivencia, surgió la pieza audiovisual *Feeling the Ground, Beating the Heart*, grabada in situ en la selva. Esta obra no es solo un testimonio visual, sino una representación sensorial de lo que mi cuerpo y mi mente absorbieron en aquel espacio. La imagen, el ritmo y la luz me permitieron traducir lo indecible, dando forma a una experiencia que me trascendía y que solo a través del arte podía compartir. Posteriormente, de vuelta a mi lugar de origen, amplíé esta serie con otra obra audiovisual, *Aromas de ida, sombras de vuelta*, en la que exploré otro paisaje en peligro: la huerta de Murcia. En este trabajo, quise plasmar cómo la transformación del entorno natural, el abandono de lo ancestral y la expansión de lo urbano impactan en nuestra identidad y nuestra conexión con la tierra. De alguna manera, ambas obras dialogan entre sí: el Amazonas como un espacio que gracias a su inmensidad se resiste a la presión de la intervención humana y la huerta murciana como un territorio que se desdibuja bajo el avance del asfalto. Estas obras buscan reflejar la tensión entre la experiencia directa de la naturaleza y la creciente mediación tecnológica en nuestra percepción del mundo. Al igual que Kant sugiere que lo sublime nos confronta con nuestra propia pequeñez frente a la vastedad de la naturaleza, estas piezas buscan transmitir la sensación de lo inabarcable, de lo que sobrepasa nuestra comprensión racional y solo puede ser sentido en lo más profundo del ser. Porque hay experiencias que no pueden ser explicadas con palabras, pero sí evocadas a través del arte.

El Encuentro con lo Sublime y la Sensación de Extrañeza

Al adentrarme en la selva amazónica, la vastedad y la intensidad de la naturaleza me hicieron sentir diminuta e insignificante. Cada elemento era desconocido y me hacía consciente de mi condición de forastera. Esta experiencia evocó en mí el concepto de lo sublime, descrito por Kant (1790/2024) como aquello que, por su magnitud o poder, supera nuestra capacidad de comprensión y provoca una mezcla de asombro y temor reverencial. La sensación de extrañeza que experimenté puede compararse con lo que algunos autores denominan desrealización, una sensación de irrealidad o distanciamiento del entorno (SIMEON; KNUTELSKA, 2023). Aunque en el ámbito clínico esta sensación se asocia a trastornos disociativos, en mi caso surgió como una respuesta natural ante un entorno completamente ajeno. En este contexto, la desrealización no solo refleja una respuesta psicológica ante lo desconocido, sino que también sirve como un catalizador para la introspección y la reevaluación de nuestra comprensión del mundo y de nosotros mismos. Esta desconexión momentánea que experimenté al enfrentarme a un entorno tan ajeno y vasto me permitió reflexionar sobre mi lugar en el mundo y la relación entre el ser humano y la naturaleza. Al reflexionar sobre mi presencia en la selva, me cuestioné si, al igual que los colonizadores del pasado, estaba allí impulsada por la curiosidad o la arrogancia de creer que todo espacio es accesible para el ser humano occidental. Esta introspección me llevó a reconocer la importancia de acercarse a estos entornos con humildad y respeto, entendiendo que no somos dueños de la naturaleza, sino parte de ella. Con *Feeling the Ground, Beating the Heart*, busqué plasmar desde una perspectiva artística, las complejas emociones que surgen al confrontar lo sublime y nuestra conexión con la naturaleza.

El Silencio que Habla: La Ausencia del Ruido Blanco

Uno de los aspectos que más me impactó en mi experiencia selvática fue la ausencia del ruido blanco al que estamos acostumbrados en la vida urbana. No había el constante zumbido de los electrodomésticos, las obras en construcción, los motores de los coches, sirenas o las ruidosas conversaciones lejanas. Al principio, esta ausencia generaba en mí una sensación de vacío, casi de sordera. Podría decir que resultaba ser un silencio ensordecedor e inquietante (ANDERSON, 2023). Solo se escuchaban sonidos de la selva, como el canto de los pájaros, el crujido de las hojas al andar o el leve susurro del viento sobre las copas de los árboles. Este era un silencio primigenio que revelaba la verdadera dimensión del entorno. Esta experiencia me recordó los momentos más duros de la pandemia, cuando el ruido de la ciudad se redujo al mínimo y los animales salvajes comenzaron a aventurarse en espacios urbanos. Me pregunté si, al igual que yo me sentía desorientada en la selva, esos animales se sintieron igual al descubrir un mundo sin la presencia constante y ruidosa del ser humano.

El silencio en la naturaleza tiene un impacto profundo en nuestra psique. Según un reciente estudio, el silencio puede reducir el estrés y promover la relajación más efectivamente que la música. Además, estimula la neurogénesis en el cerebro, lo que sugiere que tiene un papel crucial en nuestra salud mental y bienestar (GOH et al., 2023). La ausencia de ruido artificial en la selva no solo me permitió apreciar los sonidos naturales, sino que también me llevó a una introspección profunda. Heidegger (1983, p.39) afirma que "el resonar de la palabra auténtica solo puede brotar del silencio", enfatizando cómo la ausencia de distracciones sonoras puede conducirnos a una mayor comprensión de nuestra existencia. Este recogimiento me permitió reconectar con mi esencia y comprender mi lugar en el mundo de una manera más auténtica. En contraste, el ruido constante al que estamos expuestos en las ciudades puede tener efectos negativos en nuestra salud mental. Diferentes estudios han demostrado que la exposición prolongada al ruido

puede causar pérdida de concentración, sensación de desasosiego e irritación (GÓMEZ et. al, 2023). Asimismo, el Foro Económico Mundial ha señalado que el ruido afecta la capacidad de aprendizaje en niños y contribuye a aumentar los niveles de cortisol, lo que puede derivar en ansiedad y estrés crónico (PESCADOR, 2019). Esta contaminación acústica nos aleja de nuestra conexión natural con el entorno y con nosotros mismos. Al experimentar el silencio de la selva, pude comprender la importancia de estos espacios para nuestra salud mental y espiritual. La ausencia de ruido artificial y la presencia de sonidos naturales crean un ambiente propicio para la reflexión y la conexión con uno mismo. Es un recordatorio de la necesidad de buscar momentos de silencio en nuestra vida diaria para mantener el equilibrio y el bienestar.

El Cuerpo como un Elemento Ajeno

Otra parte de la experiencia fue dormir en un refugio en plena selva, balanceándome en una hamaca. Esta vivencia me sacó por completo de mi zona de confort. Más allá de la incomodidad física (que luego no fue tal), la sensación de estar inmersa en una naturaleza que no me necesitaba generaba una profunda reflexión sobre mi lugar en ese entorno. Por la noche, los sonidos de la selva se intensificaban, creando una sinfonía que evidenciaba la actividad de sus habitantes. Sentía que, en cualquier momento, algo podría irrumpir en la cabaña. Era como ser una invitada en una casa donde nadie me había pedido que entrara. Y esto acrecentaba mi sensación de extrañeza y despersonalización.

Durante una de las incursiones en la selva, observé a un grupo de personas trabajando en un cultivo agroforestal. Me sorprendió su profundo conocimiento del entorno: sabían qué plantas debían ser eliminadas y cuáles debían permanecer. A diferencia de mí, que era incapaz de reconocer siquiera un árbol que produjera algo comestible, ellos entendían la selva no como un entorno hostil, sino como un sistema de interconexiones del que eran parte integral.

Este conocimiento tradicional ecológico indígena es esencial para la sustentabilidad en el Amazonas, ya que permite una relación armónica con el medio ambiente (GÓMEZ et al., 2013, p.72). La disparidad entre mi percepción de la selva y la de sus habitantes me llevó a reflexionar sobre cómo nuestras experiencias corporales y sensoriales están profundamente influenciadas por el entorno construido y natural. Según Merleau-Ponty (1945), el cuerpo es nuestro medio de estar en el mundo, y nuestra percepción está intrínsecamente ligada a nuestra corporeidad y al espacio que habitamos. Estas experiencias resaltan la importancia de reconocer y valorar los conocimientos tradicionales y la relación intrínseca que las comunidades indígenas tienen con su entorno. Su comprensión holística contrasta con la percepción fragmentada que a menudo tenemos los forasteros, subrayando la necesidad de una mayor humildad y apertura al interactuar con ecosistemas y culturas diferentes a las nuestras.

El Encuentro con el Otro: La Mirada amazónica

Uno de los momentos más reveladores de mi experiencia en la selva amazónica ocurrió cuando una niña, de aproximadamente siete años, emergió entre la vegetación y nos observó con curiosidad. Su mirada reflejaba la misma fascinación que yo sentía por el entorno que me rodeaba. No había miedo en sus ojos, solo asombro. Me pregunté qué pensaba de nosotros, estos extraños que avanzaban con dificultad en un espacio que ella conocía a la perfección. Su presencia añadió una nueva dimensión a mi experiencia: la confrontación con "el otro". Para mí, la selva era un territorio exótico y desconocido que me sobrepasaba; para ella, era su hogar. Mientras yo intentaba integrarme sin alterar el entorno, ella se movía con la naturalidad de quien pertenece a ese lugar. Este encuentro me hizo consciente de que mi visión del Amazonas estaba inevitablemente influenciada por mi cultura y mis prejuicios. En antropología, el concepto de alteridad se refiere a la capacidad de reconocer y valorar la diversidad cultural y las

diferencias entre los grupos humanos. Es la comprensión de que existen múltiples formas de ser y entender el mundo, y que ninguna es intrínsecamente superior a otra (KROTZ, 1994). Solo a través del reconocimiento de nuestras limitaciones y la riqueza que aporta la diversidad humana podemos superar el etnocentrismo y apreciar verdaderamente la pluralidad de formas de vida que existen en nuestro mundo.

Feeling the Ground, Beating the Heart

La obra audiovisual *Feeling the Ground, Beating the Heart* surge como una extensión de toda mi experiencia física y sensorial en la selva amazónica. Es un testimonio de la percepción del cuerpo en movimiento experimentada dentro de un entorno ajeno, donde la naturaleza impone su propio ritmo y dicta la manera en que nos desplazamos. La pieza, un video de 25 minutos de duración, documenta mi recorrido por un estrecho sendero creado por los habitantes locales. El video captura mis pasos y el sonido de mi respiración acelerada por el esfuerzo de avanzar por un terreno lleno de obstáculos. En la imagen, no hay narración explícita ni referencias visuales que revelen el entorno en su totalidad, no hay personajes; solo la textura del suelo, la cadencia de los pasos y la vibración sorda del espacio circundante. La pieza está concebida para ser proyectada en el suelo, permitiendo al espectador adoptar una posición similar a la mía: mirar hacia abajo, concentrarse en el acto primitivo de caminar y enfrentarse a la incertidumbre de cada paso. Esta obra es una exploración de la relación entre el cuerpo, el entorno y la percepción sensorial. En la selva, cada movimiento es un diálogo con lo desconocido; no existe una linealidad en la experiencia, sino una constante adaptación. La pieza busca trasladar esta sensación de vulnerabilidad y alerta, donde la mente y el cuerpo se sincronizan en una coreografía involuntaria dictada por la naturaleza. En un mundo donde el desplazamiento suele estar mediado por la velocidad y la planificación, *la obra* se convierte en una invitación a experimentar la naturaleza no desde

la contemplación visual, sino desde la presencia física absoluta. En el fondo, la obra plantea una pregunta esencial: ¿cómo habitamos el espacio cuando la civilización que conocemos desaparece y solo quedan nuestros sentidos como guía?

Conclusión: La Naturaleza decide

El sentimiento de culpa colonialista que había cargado durante toda la experiencia se disipó al comprender que la naturaleza no responde a las reglas humanas. No es el ser humano quien decide a dónde pertenece cada uno, sino la propia tierra. La selva me permitió estar allí y, en ese gesto, encontré una lección profunda: nuestra relación con la naturaleza no se define por el dominio o la apropiación, sino por la interacción y la reciprocidad. Las fronteras, los límites y las pertenencias son construcciones humanas. La verdadera lección del Amazonas es que somos parte de un sistema mayor, y que solo al escucharlo y respetarlo podemos encontrar nuestro lugar en él. Las categorías de “naturaleza” y “cultura” no son dicotómicas, sino fluidas y entrelazadas, lo que nos permite reexaminar nuestra posición en el mundo y fomentar una relación más armoniosa con el entorno natural (DESCOLA, 2005). Además, la visión occidental de la naturaleza ha sido históricamente dominada por un enfoque extractivista y utilitarista. Esta percepción contrasta con las cosmovisiones indígenas, que entienden la naturaleza no como un recurso, sino como un ente vivo con el cual se establece un vínculo de respeto y reciprocidad (KOPENAWA Y ALBERT, 2010). En este sentido, la selva no es un espacio inerte ni un paisaje exótico, sino un organismo en constante transformación que exige una actitud de humildad y aprendizaje por parte de quien lo transita. En mi experiencia, la sensación de ser una intrusa en el Amazonas me hizo cuestionar las formas en que nos relacionamos con los territorios que consideramos “ajenos”. ¿Quién decide qué espacios nos pertenecen? ¿Desde qué perspectiva se establecen estas ideas de pertenencia y extranjería? La naturaleza no entiende de fronteras, solo de equilibrios. Si

queremos ser parte de ella, debemos hacerlo en sus términos y no bajo nuestras estructuras predefinidas. Como señala Ingold (2000), la pertenencia a un paisaje no se adquiere por derecho, sino por práctica: es el habitar, el movimiento y la relación con el entorno lo que nos hace parte de un ecosistema. Esta conclusión no solo reconfigura mi visión sobre la selva, sino sobre la forma en que habitamos el mundo en general. El sentido de pertenencia que solemos asociar a la tierra no debe estar condicionado por la posesión o el control, sino por la integración y el respeto mutuo. Si aprendemos a escuchar el lenguaje de los lugares que habitamos, a reconocer sus ritmos y necesidades, podremos establecer una relación más equilibrada con la naturaleza. Como sugiere Haraway (2016), es imprescindible repensar la coexistencia humana y no humana desde una perspectiva de colaboración, más allá de las jerarquías y las estructuras de poder impuestas. Al dejar la selva, ya no me sentí ajena a ella, sino una huésped temporal, una aprendiz en un territorio cuyo deber era habitarlo con respeto, aprender del entorno y marcharme sin dejar huella.

Referencias

- ANDERSON, S. **The Lost Art of Silence: Reconnecting to the Power and Beauty of Quiet**. Colorado: Sambala Publications, 2023.
- DESCOLA, P. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, 2005.
- GARCÍA, M. La desapropiación corporal: la autopercepción en personas con conductas autolesivas. **Revista Mexicana de Neurociencia**, Ciudad de México, v.19, n.5, p.24-30, 2018.
- GOH, R.Z.; PHILLIPS, I.B. y FIRESTONE, C. The Perception of Silence. **PNAS**, Washington, v.120, n.29, p.1-9, 2023.
- GÓMEZ, E., CORBERA, E., y REYES, V. Traditional Ecological Knowledge and Global Environmental Change: Research findings and policy implications. **Ecology and Society**, Massachusetts, v.18, n.4, p.72, 2013.

GÓMEZ, L., DÍAZ, J., Y LINARES, C. Short-term impact of noise, other air pollutants and meteorological factors on emergency hospital mental health admissions in the Madrid region. **Environmental Research**, Amsterdam, n.220, p.115-159, 2023.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Duke University Press, 2016.

HEIDEGGER, M. **Interpretaciones sobre la poesía de Hölderlin**. Traducción: J.M. Valverde. Barcelona: Ariel, 1983

INGOLD, T. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. Oxfordshire: Routledge, 2000.

KANT, I. **Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2017. (Obra original publicada en 1764).

KANT, I. *Crítica del juicio*. Madrid: Suárez, 2024. (Obra original publicada en 1790).

KOPENAWA, D., y ALBERT, B. **La caída del cielo: Palabras de un chamán yanomami**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2010.

KROTZ, E. *Alteridad y pregunta antropológica*. *Alteridades*, Iztapalapa, v.4, n.7, p.7-16, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. París: Gallimard, 1945.

PESCADOR, D. (2019). **Tu cerebro necesita silencio**. Foro Económico Mundial. Disponible en: <https://es.weforum.org/stories/2019/03/tu-cerebro-necesita-silencio/>

SIMEON, D. y KNUTELSKA, M. The Multidimensional Inventory of Dissociation (MID) in Depersonalization Disorder. **Journal of Trauma and Dissociation**, Virginia, v.24, n.2, p.185-196, 2023.

Brechas Poéticas: Entre desinvenções e Docência

*Ana Maria Silva
Léia Lima*





Rotações que tecem encontros

Como pás de um catavento,
a vida em rotação,
Entre giros e movimentos vivos.

Por vezes, intensamente birutando
Por vezes, devagar
mastigando o vento.

Gira em ritmos, batidas, melodias,
e, entre giros, encontros:
Encontros com potencialidades inesperadas.

Cata-ventos que se cruzam -
vidas que se tocam,
Fazendo surgir novas melodias,
novos atravessamentos.

Quanta vida é possível ter com a soma de todas juntas?
Quantas canções nascem do cruzamento
de vivências docentes em busca de encontros e potencialidades?

Na dança entre os cataventos,
A vida se reinventa,
Girando, criando,
Ensinando a se atravessar.

Encontros que sussurram desinvenções de si,
em trocas, falas,
experiências que se unem em um lugar.

Saberes que se transformam
em um professorar:
processos autobiográficos,
movimentos inventivos.

Na soma de todas as rotações, uma vida que se multiplica.

Autobiografias entrelaçadas

Elas, doutoras, mestrandas,
entrelaçam suas autobiografias
em trocas de olhares constantes,
desafiando-se, ao mesmo tempo,
na mesma cura: curar o si.

Curadoria do si,
tecida nas miudezas poéticas
de Manuel de Barros,
desconstruída pela escrita
de Jacques Derrida.

Aula? Encontro!
O quadro se dissolve,
é tudo aquilo que o horizonte permite,
um céu azulado,
sob a cabeça delas, todas elas.

Maneiras de (des)visualizar
o que já está visível.
Ver o menor,
as (dês)ciências miúdas,
em cada gesto, em cada palavra.

Sob a brisa do vento,
rodeadas de bambus.
Bambuzal.

A potencialidade cresce com o coletivo feminino.
Mulheres amazônidas.

Artistas, poetizas, professoras, pedagogas, biólogas, mães ...
Um emaranhado de presenças tecendo juntas.

Formigas, pássaros, vento, brisa.
O bambuzal virou acolhimento.
Acolher-se, acolher a si.
Para inventariar uma docência outra,
uma docência que se faz na coletividade.

E como Manoel, ouvimos o canto,
não só dos passarinhos,
mas o som das pequenas coisas:
a respiração do vento, o gesto suave,
o sussurro do silêncio entre as palavras.

Brechas e emaranhados na ausência

Se os caçadores das (des)ciências,
não habitam o espaço da (des)construção,
seria essa uma docência nova?
Ou apenas um emaranhado de presenças?

Imundados por Gabriel e Souza (2023),
descontraímos,
desconstruímos o sentido:
das palavras,
dos seres,
de nós mesmas,
do mundo.

Capturas possibilitam entrelaçamentos vivos.
Sem linhas, sem amarras,
prioriza-se:
a brecha,
a criação.
Somos máquinas de desinvenções.

Obra-se, olha-se, adapta-se aos seres desimportantes,
como para Manoel.
Quais são nossas engrenagens descientizadas?

Talvez, sejam os pequenos vazios,
as pausas entre um gesto e outro,
onde o mundo se refaz em silêncio.
Somos brechas,
somos vento que dança no bambuzal,
pequenos sóis na poeira do entardecer.



MÁQUINA DA (DES) ENGRENAGENS DOCENTES



(Des)Engrenagens Docentes

Somos uma máquina que desaprendeu o uso.
Circuitos acelerados, pensativos,
instigantes como o voo das borboletas no escuro.
Permitimos à vida seus movimentos espiralados,
que visitam quintais:
das memórias, das vivências.
A vida é poesia.
E poesia é brincar com o devir das coisas.

Até o silêncio conta.
A sombra murmura escondida,
e nós queremos ter a visão das formigas:
ser uma gota funda,
ser semente,
produzir e fortalecer raiz
para amarrar a terra à ternura.

Ser filtro: dos (des)prazeres, dos sonhos.
Ser folha caída que aviva o chão que respira,
que incrementa vida em seu murmúrio de húmus.
Ser útil no cansaço,
e descansar o útil.
Ser grampeadores que desgrampeiam a vida.

Fluir em voo próprio,
tocando as nuvens como quem inventa o céu.
Abraçar o infinito com amor,
porque amar é uma forma de germinar.

E, assim, nos desengrenamos da docência mecânica,
para sermos uma docência viva,
onde cada brecha floresce,
onde cada desconstrução é raiz.
A aula vira quintal,
e o ensino, um voo em espiral.

Quando nasce uma mulher nascem sonhos e possibilidades de existências para Educação em Ciências na Amazônia

Nereida Tavares Neves Benevides

Yara Laiz Barbosa de Souza

Curar o si para a invenção de uma docência em ciências, que experiências nos atravessariam nessa jornada? Como se constitui um fazer docente a partir das possibilidades de existência e como descrever essa existência como obra de arte? Esse desafio foi lançado quando a disciplina do mestrado “Narrativas (auto) biográficas na formação de professores em ciências e matemática”, e a proposta de curar o si, teria como trabalho final, uma exposição no salão de entrada da Universidade do Estado do Amazonas- UEA.

Nesse sentido, essa escrevivência tem por objetivo compor a partir de uma narrativa autobiográfica a obra de arte das nossas vidas pautadas, na estética da existência, na qual o cuidado de si nos lança o encontro de modos outros de ser e existir em potência de vida, atravessa por acontecimentos e confabulando sonhos que se materializam, emergindo em Cosmopercepções (com) sagradas na beleza e no brilho de um professorar sensível e afetual.

A ideia de uma narrativa autobiográfica a partir da perspectiva da nossa existência como obra de arte, foi se constituindo na medida em que percebemos a metodologia como uma oportunidade de nos posicionarmos diante do mundo a partir de um texto que fosse constituído de nossas singularidades. Claro que o desconforto e os incômodos são as primeiras impressões sentidas pelos corpos femininos da turma, afinal, o que pode uma “curadora de si”?. Com essas indagações, identificamos que as narrativas autobiográficas estão presentes no Brasil desde o início dos anos 1990 e “no campo da educação vem se constituindo por diversos movimentos, com a utilização do método autobiográfico e com as

narrativas de formação”¹. Essas narrativas têm como pressupostos a subjetividade e podem ser classificadas em narrativas autobiográfica clássicas e narrativas autobiográficas de si. A primeira é utilizada no processo de produção do conhecimento das pesquisas em educação e dos fenômenos educacionais e

Trata-se de uma tendência contemporânea, mas que, ao longo dos últimos trinta anos, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, configurando-se como um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico²

As pesquisas que têm como metodologia a biografia de si, nos movimentam e nos atravessam causando um verdadeiro despertar de sentimentos, conflitos e resgate de sonhos. Nesse sentido, desenvolver a proposta de curar o si, foi um movimento de mergulho íntimo, de nos desvelar e reconhecer e resgatar a vida e a alegria presente em nossos corpos. Foi tomada dessa emoção que entendemos que nos processos educativos de um professorar como estudantes na pós-graduação, a educação pode ser olhada em outras perspectivas, nas quais a vida de crianças e jovens podem ser consideradas obras de arte que expressem suas singularidades. Deste modo, seguimos para nossa curadoria de si a partir da autobiografia de si, que potencializou a tomada de consciência que somos seres em devir e cada acontecimento de nossa trajetória nos coloca diante de possibilidades de perceber e estar no mundo.

Vida-Acontecimento-Sonho!

O convite estava feito e agora deveríamos nos inspirar na vida para apresentá-la como obra de arte. O misto de vergonha e alegria se dissolvia nos encontros da turma, mas nossa proposta era nos lançarmos para sentir, para permitir nosso corpo vibrar, ser atravessado pelas situações que vivenciamos, deixar a mente livre,

¹ Oliveira, Costa e Aikawa (2023)

² Oliveira, Costa e Aikawa (2023)

desconstruir as formas de pensar, abrir fissuras para arejar todo nosso ser. Foi assim que iniciamos a nossa curadoria, com os poros abertos para nos apresentar e problematizamos nossa proposta com o questionamento: “o que um grupo de mulheres professoras, que sonham com invenções outras para educação em ciências, fazem quando se reúnem para curar o si”? Ao refletirmos sobre quem somos e como iniciou nossa trajetória enquanto sujeitos, precisamos fazer uma retomada e começar do princípio, do lugar que nos trouxe ao mundo.

Partimos então da reflexão do acontecimento de nossas vidas e de quem somos porque nossas ancestrais resistiram e sonharam uma vida diferente para cada uma de nós, pois quando uma mulher nasce, sua próxima geração já vem amadurecendo dentro dela! O que chamamos de oócitos primários se desenvolve calmamente nos óvulos de uma mulher que ainda é um feto em sua mãe³. Antes mesmo dela se descobrir mulher, dela desabrochar, já há uma geração inteira quieta e repousante, esperando o momento certo de - quem sabe - conhecer o mundo. Neste caso, a vida já seria uma possibilidade de em breve estarmos constituídas enquanto ser vivo. O que se efetivou ao nascermos e tem nos proporcionado a vivência dos acontecimentos que geram perspectivas e olhares insurgentes e nos constituem em vida e sonhos de ser e existir.

O professor Tiago Amaral Sales, no seu artigo intitulado, “A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas”, questiona se a arte seria apenas a criação de objetos ou

Poderia perpassar também práticas formativas e processos de produção de subjetividade? Seria possível, então, entender que a vida – e os caminhos aos quais ela é construída – também poderia ser uma obra de arte?⁴

³ Urry (2022, p.1013)

⁴ Sales (2024, p.2)

Com base na ética e na estética da existência dos estudos foucaultianos é possível compreender que a composição de uma vida seja sentida como uma obra de arte, desta forma, passamos a considerar a tomada de consciência, a aquisição da razão como aquilo que compõe nossa singularidade. Deste modo, retornamos a pensar em nossa experiência a partir

A noção foucaultiana de ética é possível compreender a noção de estética da existência como uma maneira pela qual o indivíduo se vincula a um modo de vida para deixar a memória de uma existência bela. Ele pode até aceitar alguns valores pré-determinados, mas como o intuito de usá-los para estilização do próprio viver, configurando uma escolha da sua maneira de comportamento, sem aceitar o constrangimento de algo que lhe é imposto.⁵

Desta maneira consideramos que a estética da existência de nossas ancestrais é, para nós, esse lugar de (re)existência e beleza. Essa (re)existência é contemplada em nosso texto considerando que nossas ancestrais são mulheres oriundas de classes sociais menos favorecidas e vivenciaram as imposições dos marcadores sociais que ainda são para grande parte das mulheres, obstáculos a ser superados, mas que infelizmente tiveram que renunciar aos seus sonhos e desejos para nos proporcionar uma jornada em que o conhecimento e os saberes se integram e nos conduzem aos dias atuais buscando liberdade e o direito de viver a vida que sonhamos e escolhemos viver, sem nenhum direito a menos.

Essas mulheres que nos traziam em seus corpos ainda no ventre de nossas avós, sonharam para descendência uma vida diferente da qual elas viviam. Para nós mulheres amazônidas, que buscamos resgatar nossas vidas a partir da materialização de nossos sonhos que são elementos da cultura da humanidade desde Artemidoro, como encontramos em Foucault

⁵ Silva (2011, p.40)

São inúmeros os testemunhos da importância atribuída à análise dos sonhos como prática de vida, não somente indispensável nas grandes circunstâncias, mas também no decurso cotidiano das coisas (Foucault, 2022, p.8-9)

Na cultura indígena dos povos originários Krenak, Yanomami, Tukano, Dessana, Munduruku e outros os sonhos são usados na educação, na orientação das famílias e no diálogo com a floresta

Os sonhos, para os povos indígenas, parecem forçar uma mudança de perspectiva e abrir a possibilidade de uma nova atenção do olhar e da escuta. Por eles, aprende-se a estar atento ao movimento da vida e à comunicação que se dá por sons e imagens. A educação tem uma dimensão ampliada, os aprendizados acontecem com todas as coisas do mundo e isso requer atenção às linguagens não-humanas, uma conversação e aprendizagens com o mundo animado.⁶

Foi a partir dessas reflexões e aportes teóricos que produzimos os registros de nossa vida como obra de arte, considerando a vida potente de nossas ancestrais, a partir do cuidado de si e de uma estética da existência que nos conduziu a uma prática, na qual, o curar o si, foi além da exposição para um professorar permeado de beleza. O curar o si, a partir da autobiografia de si, nos proporcionou a cura de muitas dores e nos lançou em potência de vida para expressarmos a vida ética, estética e política herdada, sonhada e vivida por nós.

⁶ Wunder (2021, p.151)



A (Cri)ação da vida como obra de arte

Partimos de leituras e encontros que nos possibilitaram acessar os temas que permeiam nossas pesquisas. Deste modo nos aproximamos dos estudos de Silva (2011), Sales (2024) e Wunder (2021), além de buscarmos na meditação uma possibilidade de conexão com nossa ancestralidade. Destes momentos surgiram a inspiração para os trabalhos de nossa exposição. O primeiro foi a poesia que, num segundo momento foi feita a edição de um vídeo com registros fotográficos de nossos encontros, gerando um vídeo de um minuto.

Meditação guiada – acesse o sonho das ancestrais.

Comece escolhendo um lugar tranquilo. Pode ficar sentada (o) ou deitada (o), o que melhor preferir. De início, acerte a sua respiração: inspire pelo nariz profundamente trazendo o ar para a sua barriga. Depois, solte o ar de uma só vez pela boca. Faça isso umas três vezes ou até que se sinta relaxada (o). Leve o tempo que achar necessário nessa parte.

Depois, se imagine em um lugar. Esse lugar pode ser uma floresta, uma cachoeira, o seu quarto, enfim, você decide qual. Pode ser um lugar familiar, que você conheça e se sinta bem ou pode ser um lugar de sonho. Sinta-se em paz e calma (o), continue sua respiração. Agora, imagine uma cadeira em sua frente. E, nessa cadeira, você vê a sua ancestral.

Essa ancestral pode ser sua mãe, avó, tia, bisavó, tia-avó. É uma ancestral marcante e importante para você. Ela te olha com amor e ternura, dá um sorriso. Pode ser que, por conta do caminhar da vida, exista coisas entre você e essa ancestral que causaram algumas dores. Aproveite para praticar as quatro frases do *ho'ponopono* havaiano: olhe nos olhos da sua ancestral e diga:

Sinto muito. Me perdoe. Eu te amo. Sou grata (o).

Sinto muito por ter me colocado em situações em que eu não deveria estar. Me perdoe pelas falhas e erros que cometi a mim mesma (o). Eu te amo, eu me amo intensamente. Sou grata (o) pela vida.

Repita as quatro frases do perdão o quanto for necessário. Se sentir vontade de chorar, solte as lágrimas e as emoções. Limpe as memórias de dor e tristeza, deixe ser invadida (o) apenas por paz.

Após isso, acesse os sonhos que essa ancestral sonhou para você. Você pode se lembrar de conversas que tiveram, acontecimentos bons e ruins que teve com essa ancestral. Pergunte dela sobre esses sonhos. Tudo pode vir de maneira muito natural na sua cabeça.

Para terminar, se despeça de sua ancestral com carinho e gratidão. Mexa devagar os dedos dos pés, o pescoço, os dedos das mãos. Abra os olhos e levante com calma. Você pode materializar essa experiência de maneira simbólica com um desenho, música, poema, texto. Registre da melhor maneira que desejar.

Poesia

Sonhos de Mulheres

Feitas de folhas, de terra úmida, de chão,

De céu, de sol, de chuva, de rio, de luz

E de sombra.

De acontecimentos, lutas, resistências,

Existência ética, estética, política,

Metamorfoses, insurgências, vitórias.

Quando ela atravessou o rio, sonhou.

Todas sonhamos, vivemos, sobrevivemos,

Caminhamos, sonhamos.

O sonho de minha mãe com o futuro que ela não teve.

Com uma educação, com uma formação, com uma

Não servidão.

Sonhou comigo dando os passos que ela não deu,

Com os lugares que ela não conheceu,

Com os saberes que não teve,

Com os degraus que não subiu.

Sigo o sonho da minha ancestral.

Acredito na educação que cura o si e o outro.

*Sonho com o sonho de minha mãe e com os meus,
Sonho com a libertação da loucura de se viver o que se é e o que se quer.*

Quando sonhamos...

Vivemos uma mistura de vivência, almejamos uma série de coisas para nossa vida. Tudo o que sonhamos há uma pitada - ou uma grande colher - daquilo que nossas ancestrais sonharam para nós. Se vivemos os sonhos delas ou os nossos, o que importa é que viver é uma construção coletiva com todas estas mulheres.

Esta proposta de compreendermos a vida como obra de arte para desenvolvermos atividades com os estudantes de todos os níveis de ensino é inspiradora. Potencializa a criatividade e a expressão da singularidade do sujeito, permitindo que cada um possa a partir da tomada de consciência de si, conquistar sua autonomia como habilidade necessária para lidar com os desafios dos tempos em que vivemos.

Referências

DIEDERICHSEN, M. C. Pesquisar com a Arte: ética e estética da existência. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, p. e86743, 2019. Acessado em 05 de janeiro de 2025.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 3: o cuidado de si; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

OLIVEIRA, Caroline; COSTA, Mônica; AIKAWA, Monica. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação** [online], Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato/>

SALES, T. A. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. **Revista Digital Do LAV**, v. 17, n.1, e31/1–31, 2024. <https://doi.org/10.5902/1983734888089>

SILVA, Keitiana de Souza. **A estética da existência como ética possível: Foucault e a reinvenção do sujeito**. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

URRY, L. A. et al. (org.). *Biologia de Campbell*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

WUNDER, Alik. Literaturas indígenas, educação e sonho: germinar mundos. **Revista leitura: teoria & prática**, guev. 39, n. 83, p. 141-155, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/21301>. Acesso em: 5 jan. 2025.



(De) DE

um corpo

MULHER

COMPOSIÇÃO

Há tanto em mim, surgimento de palavras soltas, entulhos gigantescos delas. Diante das narrativas, a singularidade de viver mulher, partilha de medos, pesos, cobranças, voz que rompe com o desejado por outrem, com o esperado, ruptura necessária. Percebe-se biologicamente mulher desde a descoberta do sexo, são laços, babados, cores, vestimentas, posturas, comportamentos. Não se escolhe as dores, a cólica não é opcional, a dor da primeira relação não é opcional, o assédio, possível parto, resguardo, julgamentos.

Vermelho ritmo
Vermelho dançante,
Vermelho paixão
Vermelho sangue
Vermelho pimenta
Vermelho dor
Vermelho vergonha.

Bela, recatada e do lar.
Será que desejo um
cuidado do feio e
grotesco?

Algumas “facadinhas de nada”¹ causaram dor em minhas vértebras, cheguei a sentir meus destroços. Me pintar dói, uso traços rasgantes, deixo o sangue escorrer...pinga, pinga, pinga, enxarco, vazo de mim, de mim mulher? Mulher obediente? O que pode uma mulher desobediente? Não sei.

Sirvo o café com as casquinhas de minhas feridas, tamanha dor me causaram...como me curar? Curar a mim? Eu professora? Artista? O que pode uma professora-artista? Talvez ninguém saiba.



Rancorosa? Raivosa?
Triste, louca ou má² por que
não segui a receita?
Mas será que não estarei
instituindo uma nova?
Gosto das (des) receitas.

Você pode dançar rosa bebê,
rosa choque
O vermelho dançante, uma
cor púrpura dançante
Flutuações que não seguem
compassos
Seguem ritmos sangrentos
Posso ser bruxa ou neném
Ou melhor
Mulher homem bicho³

A complex collage. In the center, a leopard's head is shown in profile, roaring with its mouth wide open, revealing sharp teeth and a pink tongue. To the left of the leopard's head is a vibrant red rose. Above the leopard's head, there are stylized flames in shades of yellow and orange. To the right of the leopard's head is a large, abstract red shape that resembles a bloodstain or a splash. Inside this red shape, several small, dark, elongated figures are visible, some of which appear to be crawling or falling. The background is a mix of textures, including a dark, swirling pattern in the top left corner and a light, textured area at the bottom.

Ainda estou curando os meus destroços. Curadoria de mim, vou me catalogar ou me cuidar? O que pode o corpo que pinta a si? Que obra a si? A água escapa, não consigo controlar os pingos que escorrem no meu rosto, meu corpo não quer ser governado, quer ser o senhor do seu destino, mas "não se assuste comigo, sou mulher homem bicho"². Vítima do organismo? Sou cachorra-cadela-pantera-planta-flor, flutuo com os bichos, água, fogo, ar, terra para obrar-se, costurar devires possíveis, anômalos, demoníacos, sou sem nome, quero expelir meus órgãos, comer minha placenta e as dores que ela carrega, morte-vida-morte, difícil se (de)compôr, se parir.

Brotar para além das convenções, da escravização, me chamam de louca por querer ser mulher homem bicho. O que pode uma dor, um sangrar mulher que foge pelos nossos poros para o cuidado de si? Dor viva, o que é vivo transborda, explode? O que pode a dor transformada em arte? Arte grotesca? Porque fui morta muitas vezes, mas bela, o que há de belo na morte feminina? Por que sempre preciso ser bela? É qual o problema em ser bela? Entre o ser e não ser, estou. Seria tudo isso vitimismo? Devaneios? Será a chegada da loucura? Escrevo, reescrevo, criar (re)existência.



Sou fera
Sou bicho
Sou anjo e sou mulher
Sou minha mãe, minha
filha
Minha irmã, minha
menina
Mas sou minha
Só minha
E não de quem quiser⁴

Obrar-se tem sido tarefa árdua, são muitas as sensações e emoções, experiência nova, mix de discursos, vozes, ensinamentos ancestrais, mas por fim determinados aspectos sobressaltam, tons vermelhos, massa grosseira do perfilado que ainda delineia, são padrões?



O que não me permite vazar os limites? O que não me permite ser eu mesma? Quem não me permite? Será que sei quem sou ou só sei o que quero ser?

Assim como Andrade e Carvalho (2019), tenho "Vontade de perder uma forma humana, orgânica, que busca organizar corpos e pensamentos e convidar, para essa resistência, desejos e forças criativas na produção daquilo que se quebra, que é efêmero, e que gera pulso" (p. 926).

Distanciamento do dito normal, da pesquisa cartesiana, longitude que gera abertura de novos caminhos, a oportunidade de pesquisar a partir da vida e gerar arte, intensidade, através destes devaneios criativos, sinto as narrativas dessas mulheres, suas dores, suas esperanças, suas vozes e estas se tornam energia criadora pulsante em mim, nasce a (de)composição de um corpo-mulher.

Obra (De)composição de um corpo-mulher.



Fonte: As Autoras (2024).



Fonte: As Autoras (2024).



Referências

ANDRADE, Benise Cristina Pires de; CARVALHO, Daniela Franco. Vermelhos ritmos (em) biologias: sonoridades de ruptura com o esperado na singularidade de viver mulher. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 21, n. 4, p. 926-940, out./dez. 2019.

1 Referência a obra "Unos cuantos piquetitos!" da artista Frida Khalo.

2 Música "Triste, Louca ou Mã" de Francisco El Hombre.

3 Música "Mulher Homem Bicho" de Ana Frango Elétrico.

4 Música "1º de julho" de Renato Russo.

(Des)receita de uma Guerreira do sensível

Anny Roberta Gonçalves Furtado

De que modos a minha (des)receita constituiu a guerreira do sensível? A ideia surgiu a partir da minha dissertação de mestrado intitulada “Entre sabores, festas e afetos: experimentação de uma guerreira do sensível”. Essa caminhada se traçou pelo viés da filosofia da diferença, me movimentando pela autobiografia, através da escrita de si, utilizando como ferramenta a Estética da Existência em Foucault.

O (des)receita-se foi acontecendo a partir dos meus estudos autobiográficos, onde fui me mobilizando a pensar a experimentação no ensino de ciências, a partir das experiências “tradicionais” em que a confirmação da verdade era o meio de despertar o interesse do aluno. Porém, a partir na estética da existência percebi que há vários modos de estimular as experimentações, através da vida como obra de arte, inovando as reflexões de novas ideias no ensino de ciências, retomando, através da memória, momentos que marcaram minha vida-acadêmica, assim, como as receitas que marcaram e marcam minha vida-família.

Nesse (des)receitar o si, é uma experimentação, a qual nos permite a olha para si, (re)significando os modos de experimentar, ocupando-me do conhecido para criar artefatos que inspire através da arte, pelos afetos, pela ética, pela criação. Rompendo através da multiplicidade, do devir e das possibilidades de invenção, movimentando os modos de fazer docente e da relação com si mesma.

É interessante como o prefixo (des), vem sendo utilizado nos últimos anos, por esse motivo está descrito na literatura como polissêmico, apresenta um significado de negação quanto de

reversão, segundo Bona e Ribeiro (2018)¹. Nesse sentido, o (des)receitar aqui descrito é essa reversão feita a mim mesma. Realizando a artistagem de si mesmo, resistir às imposições e (re)existir através das subjetivações é um ato de autoconhecimento e transformação da vida em uma expressão artística. Aceitar as predestinações é um convite para estilizar a vida a partir de suas próprias criações e vivências. Ao refletir sobre a liberdade de se autoelaborar, torna-se responsável pelo processo de reinvenção. Isso gera criação, arte, poesia, música, movimentos corporais, emoções e afeições.

Essa é experimentação que (des)escrever a essência da guerreira sensível, utilizando a estética da existência, onde a vida é uma obra de arte. O resultado desse processo é um olhar introspectivo, avaliando os ingredientes que materializam sua docência-vida, em que os encontros funcionam como um realçador de sabor. Além de permitir que a guerreira do sensível se movimente por entre lugares nunca e/ou pouco habitado. E é a partir dessas ideias da estética da existência que segue abaixo a minha (des)receita:

¹ BONA, Camila de. RIBEIRO, Pablo Nunes. Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n.2, p. 611- 634, 2018.

Capturada por Manoel de Barros;

Inventando ou mentindo



geralmente, não é seguida a
risca, para dar BOM;



As medidas:

algumas aumentadas,
diminuídas, retiradas ou
misturadas



Hoje
Torço as ideias,
proporções, ingredientes,
ordem, para sua invenção;



É experimentando (de)vagar que fui
(des)naturalizada, estranhando,
(des)formando, (des)congelando e,
inventando uma mulher, professora, mãe,
pesquisadora, filha, orientanda que pesquisa
ciências.

Sabor Rosa Vida

Muitas unidades de coragem



2 xícaras transbordando
de arte e educação

Farelos de alegria, força,
sensibilidade de outras mulheres

Muitos mais, muitos encontros
com o Vidar

1/2 xícara de desejo
(ou seria uma, ou seriam muitas?)



Para fermentação:
1 colher transbordando de pós-crítica

Coloquei tudo numa (des)forma da experimentação, pagodei, rodopiei, desviei, permitir transbordar os limites da vasilha que quis me (en)formar, (en)quadrar, enrijecer, deixei sentir a potência e inaugurei uma vida-sabor.

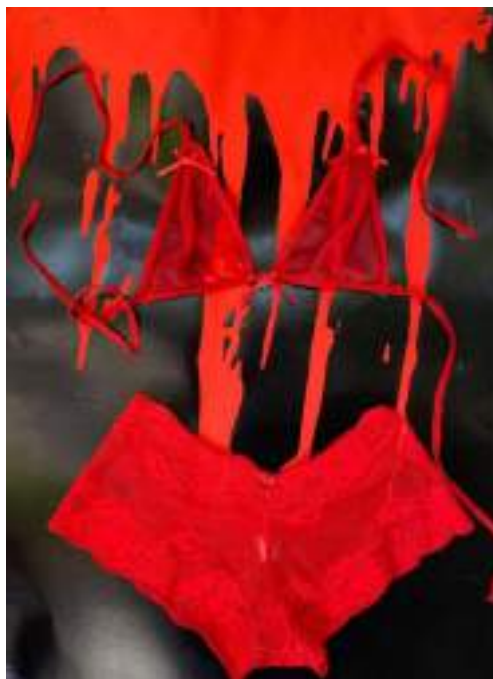
Alucinações de um corpo-mulher desejante

Hannyn Barbara Alves Garcia
Karen Xavier Viana

*Uma existência, uma estética
uma estética, várias mulheres
várias mulheres, diversas constituições
diversas constituições, muitas possibilidades
muitas possibilidades, uma alegria
uma alegria, uma dor
uma dor, uma morte
uma morte, um renascer
um renascer, um desejo
um desejo, um sonho
um sonho, uma história
uma história, uma ancestralidade
uma ancestralidade, uma luta
uma luta, um ciclo
um ciclo, uma planta
uma planta, uma vida
uma vida, um cosmo
um cosmo, uma existência.¹*

¹ Poema inspirado em “The Boat” (2021) de Grada Kilomba

Alucinamos um mundo diferente, um mundo com que aceitava as diferenças, respeitava, eram tratados como seus semelhantes, sem preconceito. O vislumbre nos passou, tentamos curar a nós, nossas dores, limpar nosso sangue escorrendo. O ego deles era muito pesado, difícil de carregar. Por quanto tempo aceitar a dor? Querem nos torna corpo-máquina do capitalismo², submissas as suas regras sistemáticas, arrancamos os fios presos em nós. Ou foi só uma alucinação? Que fios são esses que escorrem junto com nosso sangue. Sangue da tão temida menstruação, sangue arrancador de nós, sangue do parto, sangue do abuso. O mesmo sangue que consideravam impuro, é o mesmo que querem um balde para poderem se deliciar, mas não permitiremos.



Fonte: As autoras (2024)

² O termo refere-se a captura do corpo-desejante para a produção e consumo. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

Nosso sangue faz parte de nossa ancestralidade, nossa natureza, escorre de nós, de nossas vaginas e nos mela todas. Cada gota de sangue derramada apresenta um desejo³, uma possibilidade, uma esperança, uma dor. Na jornada de curar-se o tempo dança lento, como se houvesse urgência em cada pausa. É uma curadoria do que deixamos entrar e do que escolhemos soltar. Desta forma, criamos nossa própria galeria interna: uma exposição onde memórias, afetos e dores têm lugar.

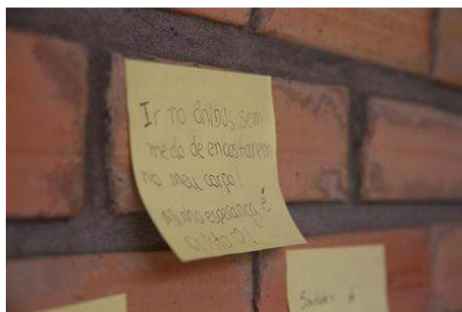
Nos querem belas, umas iguais as outras, seguindo um padrão de beleza, nos martirizamos por muito tempo, mas nossos desejos de libertamo-nos supera a carga do ego do poder. Pois sabemos que a vagina dos corpos que sangram escorre, ramifica, ela olha pra você enquanto você a olha, expressa seus desejos em mulheres, independente de cis ou trans, sempre há sangue no meio, na alma e no corpo. Desejamos ser vistas, não pelos olhares do poder, mas pelos olhares de nós mesmas cultivar o nosso próprio bem-estar, seja gozando, lavando a alma, seja nos permitindo realizar nossos próprios desejos, transformamos o nosso mundo de dentro para fora.

³ O termo não se refere a falta de algo especificamente, mas a uma força que produz e é produtor do real capaz de gerar novas possibilidades. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.



Fonte: As autoras (2024)

Dessa forma giramos em círculos que nos unem, pois somos feitas de ciclos⁴. Os ciclos que dos processos imanentes ao nosso corpo e os ciclos da vida. As formas de poder maquínicas que buscam controlar nossas subjetividades, acabam ocultando o poder que carregamos dentro de nós. Mas ao curar-se, conecta-se, empodera-se e em ritmos sintonizarmos nossas energias com os elementos naturais nos reaproxima de nosso sagrado feminino.



Fonte: Deihvisom (2024)

Espalhamos nossas dores, nossas esperanças, nossas revoltas. Pois o ego do ser humano estraga as possibilidades de ser cosmo⁵. Designaram que mulheres são frágeis e devem-lhe servir.

⁴ MACHADO, Regiane. *O Sagrado Feminino: Poder que vem de dentro - Despertar, cura e empoderamento de mulheres. Cadernos de Agroecologia, Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia*, v. 15, n. 3, 2020.

⁵ O Termo utilizado por Santos, não distancia o ser humano da natureza, pois somos todos parte do cosmos, está presente na obra SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Põem de quatro, de joelhos para poderem gozar. Desprezam os corpos femininos, a existência. Esses rótulos não nos cabem. Pernas abertas, tentam nos enfiar suas porcalhadas, desumanizações, mortes, desprezos, obediência, bom comportamento, regras de etiqueta, respeito, monogamia. Nos (re)existimos! Nossos corpos não são propriedade pública, nossa sexualidade não lhes interessa.

Alucinamos uma desterritorialização das fixações que nos foram dadas. Por isso, em movimentos circulares dançamos em um eu múltiplo, para muito além do que foi imposto, pois podemos ser e estar onde quisermos. Em nosso sagrado são pequenas coisas que fazem a vida transbordar de energias. Não podemos mudar o mundo, mas podemos alucinar metamorfose de possibilidades.

A Formação como Obra de Arte

Jackeline dos Santos Monteiro
Fanuela de Oliveira Vasconcelos

Introdução

Um olhar curioso, sentimentos emaranhados, na busca de entender o início de um processo intitulado “Curar o si: a existência como obra de arte”, exposição produzida na disciplina “Narrativas (auto)biográficas na formação de professores em ciências e matemática”, do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Eu como uma artista, aprendiz da vida, da arte, da poesia e a mestrandia Fanuela Vasconcelos, ambas mulheres negras, amazônidas, mergulhamos em caminhos curiosos de um processo criativo que envolveu a obra “Introspecção: da natureza à arte ancestral¹”, de minha autoria, a princípio sem definição de que caminhos seguir, mas instigada por Fanuela Vasconcelos que propôs trabalharmos esta obra como ponto de partida para o nosso processo de construção artística no “Ateliê Reflorestar”.

Nossas inquietações traçavam muito mais perguntas tais: Como se cura o si? Como obrar-se por meio da subjetividade coletiva? Quais caminhos percorrer para encarar nossa existência como obra de arte como campo epistemológico na formação docente? Não temos as respostas, porém, pudemos experimentar caminhos possíveis através da poesia e do teatro.

Buscamos, em diálogo compreender que as narrativas autobiográficas não são somente pensar a subjetividade de maneira

¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-2l-Au1UnfACEctZQDZYe3xj1mA72-Ag/view?usp=sharing>

individual, mas também coletiva, uma vez que, as histórias pessoais estão interligadas com as histórias sociais e históricas, formando um tecido complexo onde experiências individuais dialogam com contextos coletivos, dessa maneira, buscamos as relações entre nós que poderia contribuir para a nossa obra de arte.

Com o decorrer das aulas fomos entendendo que não se tratava de uma sistematização pronta, mas um processo de desconstrução, enquanto buscávamos em nós a nossa identidade cultural, saberes ancestrais que são importantes também, a epistemologia ecoava para conceitos que vão além do convencional, que rompe com a ideia de identidade, mas que se inspirava na perspectiva foucaultiana (2008, p. 34-35) que diz:

A história não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-las; ela não pretende demarcar o território único de onde viemos, essa primeira pátria a qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam.

Consideradas dessa forma, em vez de apontarem para o reconhecimento de identidades fixas que precisam ser descobertas e transformadas, as autobiografias nos provocam a questionar as certezas que sustentamos, desconfiando das verdades que nos atraem e das motivações que nos impulsionam.

Para esse fim, dialogamos aqui com alguns autores e obras: autorretrato da biografia enquanto coisa, das autoras Oliveira, Costa e Aikawa; Que sujeito? possibilidades de diálogo entre Michel Foucault e Walter Benjamin e suas contribuições para os estudos curriculares, dos autores Petrucci-Rosa e Ramos, a estética da existência como ética possível, da autora Keitiana e metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências, da autora Chaves e do movimento fugitivo ao criador, de autoria de Breno Filo. Como meios possíveis de pensar uma poética do corpo amazônida enquanto metodologia de ensino.

No decorrer do texto compartilharemos fotos, poesias que nasceram durante o processo do obrar-se, também fotos que falam muito mais do que nossa escrita.

Obrar-se: encontros e desencontros

Nesse trajeto que nos convidou a nos ver enquanto obras de arte, nos exigiu olhar para além do convencionado, porque nossa mente ainda estava mecanizada numa sistematização comum. Antes de definirmos o livro “Introspecção: da natureza à arte ancestral”, como ponto de partida para a criação de nossa obra, tivemos alguns encontros necessários para nos aprofundarmos em nós mesmas, em um desses encontros, uma segunda dupla de mestrandas compartilhou um poema de Manoel de Barros, que diz:

“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê... É preciso transver o mundo².”

É preciso “transver o mundo”, esse verso ficou pulsando, como um convite a olhar para além do que nossos olhos enxergavam, o que fazia muito sentido porque nossas preocupações estavam focadas em uma sistematização, eu particularmente estava preocupada em fugir do que eu achava ser a proposta da disciplina e colocar como ponto principal somente o processo artístico, na arte também há em alguns pontos uma limitação, muros que nos impedem de acessar o que há dentro de nós, nos fazendo escolher apenas o campo externo e superficial da vida.

Nossos corpos amazônidas, de certa forma, vem de um processo de mecanização, de uma educação tradicional, ao contrária disso, nossa abordagem é no viés pós-crítico que emerge no contexto da pós-modernidade e do pós-estruturalismo, buscando uma reavaliação das práticas educativas e curriculares. Essa perspectiva se caracteriza por uma desconfiança em relação a narrativas totalizadoras e universais, enfatizando a complexidade,

² Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzAwNTQ5OA/> > acesso em 7 de janeiro de 2025.

a multiplicidade e a diversidade das experiências humanas, inspirado da estética da existência Foucaultiana, que propõe que a vida pode ser entendida como uma obra de arte, onde os indivíduos têm o poder de reinventar suas identidades e modos de existência, dessa maneira, esse pensamento convoca o professor para sair de sua zona de conforto e buscar novas formas metodológicas de ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, nossa busca nesse processo de formação docente a partir das múltiplas experimentações que aconteciam durante as aulas seguiam cada vez mais interessante, era como se cada encontro nos entregasse algo que foi nos completando até chegar nossa experimentação direta com as demais participantes.

Em um exercício não tão simples, não buscamos desfazer os emaranhados que se fazia presente em nossa cabeça, mas usá-los como dispositivos para realizar nossa experimentação em nosso Ateliê Reflorestar, intitulamos nossa experimentação/oficina com o mesmo nome do livro de poesia que usamos como ponto de partida, “Introspecção: da natureza à arte ancestral”.

Nossa experimentação foi realizada com a turma da disciplina, composta por mulheres, incluindo as professoras responsáveis pela turma, o local foi em um ambiente com árvores, plantas, uma área verde da zona oeste da cidade de Manaus, espaço que favoreceu o processo de conexão com a experiência, nosso papel enquanto artistas/criadoras, nesse momento, era de observar a partir de um roteiro de comandos³ que criamos para falarmos durante o experimento, um dos poemas escolhido foi:

Eu, mulher natureza

*No outono das flores,
Uma mulher se descobre,
No calor do seu ser,
O amor-próprio floresce.*

³ O roteiro de comando se encontra disponível em:

*Como pétalas em desabrochar,
Ela se renova,
Com força e doçura,
Seu caminho ela tece.
Ela é a própria flor,
Com espinhos e cores,
Um ser encantado,
Feito de mil amores.
Seu coração
É um jardim em profusão,
Onde a autoaceitação
É a mais bela canção.
Ela aprendeu a se amar,
Com todas as suas nuances,
Das folhas que caem,
Às suas fragrâncias.
No espelho ela se vê,
Uma obra-prima da natureza,
Uma mulher plena,
Cheia de beleza.
Seus olhos brilham
Como o sol no poente,
Refletindo a confiança
E o amor presente.
Ela caminha com leveza,
Como uma brisa no ar,
Segura de si, pronta para voar.*

Poema escolhido e lido por Fanuela durante nosso experimento conforme indicado no roteiro, Foto 1.

Foto 1 – Experimentação “Introspecção: da natureza à arte ancestral”



Fonte: acervo das autoras, 2024.

Percebemos que durante a experimentação, algumas participantes se sentiram desconfortáveis, mas seguiram todas as orientações que fomos conduzindo, para nós também foi desafiador por foi um momento do diálogo entre nossas subjetividades

Da reflexão ao corpo poético

O Ateliê Reflorestar foi um momento extremamente importante para nos conectar com nosso processo artístico, o emaranhado estava ainda mais emaranhado com o processo de ação-reflexão-criação-transformação. Partimos de nossas individualidades, nossos pensamentos em dupla e chegamos nessa tessitura coletiva, só precisávamos passar a agulha pelos fios da urdidura, caminhos possíveis a partir da poesia, da fotografia e o teatro.

A partir das experiências individuais e coletivas, na exposição “Curar o si: a existência como obra de arte”, nossa obra de arte foi montar uma intervenção com trechos de poemas autorais, deixando um espaço para livre criação poética (Foto 2), criamos um

vídeo poema⁴, que reflete nosso processo durante a disciplina, para além disso, realizamos uma intervenção artística baseado no roteiro que criamos para o nosso Ateliê Reflorestar.

Foto 2 – Intervenção Poética



Foto: Deihvisom, 2024.

A proposta deste processo inventivo era organizar uma obra de arte em que nossa dupla conduziria uma curadoria, em um espaço de exposição artística. Para executar as etapas de trabalho, primeiramente era preciso escolher um autor/a, filósofo/a, teórico/a para fundamentar e criar os direcionamentos para a construção artística.

Eu, Fanuela Vasconcelos, em meu primeiro diálogo com a colega de dupla, Jaqueline Monteiro, já me vi e me senti diante de uma artista. Em nenhum momento, pensei em outro/a pensador/a destes que comumente estão presentes nas ementas das disciplinas acadêmicas, normalmente europeus e dentro da lógica colonizadora de pensar.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_KgmR0RULKM

Neste primeiro contato, já sabia que Jackeline era atriz, formada em Teatro, até que ela me mostrou um de seus livros publicados. Recordo que fiquei muito surpresa e feliz ao mesmo tempo ao folhear a obra e ver o conteúdo que contempla as questões da mulher negra e do movimento negro na arte.

Como mulher negra, palestrante antirracista, pesquisadora das epistemologias dos povos afro-pindorâmicos, me identifiquei de primeira. Por isso, fiz a proposta de Jackeline ser a nossa referência para a curadoria em dupla que fizemos.

Entretanto, a colega artista resistiu. Fiquei pasma pois tive a sensação de que ela não enxergava o que enxerguei naquele momento. Uma mulher de força retórica, uma presença corpórea de representatividade da negritude amazônica.

A partir daí, começamos a nos obrar. Era preciso pensar em uma configuração em ateliê para preparar nossa exposição. Em um dos encontros para planejamento, um questionamento nos inquietou foi: “Em que momento nos desconectamos de nós mesmos?”

E assim iniciou-se a composição artística do ateliê com a temática “Introspecção: da natureza à arte ancestral”, que também é título do livro referência que escolhemos, o livro de Jaqueline.

Participamos, então, de uma experimentação, em formato de oficina, para experienciar o movimento da introspecção, com as professoras em formação, em uma tentativa de resgate das histórias ancestrais mais profundas, também na busca de conexão com o si, atentando para a desmecanização dos corpos, conforme já relatado.

A partir dos registros feitos através de anotações e imagens fotográficas, foi possível, no dia da exposição, produzir um momento de introspecção na universidade, convidando os estudantes a parar, sentar, assistir a um vídeo que incentivava esse processo de olhar para dentro em meio à correria do cotidiano e se encontrar consigo, numa dinâmica silenciosa, alheia, diferente da rotina comum aos dias neomodernos.

O objetivo do momento de introspecção pareceu, ao observar a participação dos estudantes que participaram da exposição, necessário. Foi possível observar as emoções nos rostos, nas

expressões corporais, como se tivessem em uma hora de relaxamento de tensões e num iniciar de reflexões. Foi possível pensar que esses momentos poderiam ser mais repetidos nos espaços acadêmicos que hoje parecem estar mergulhados na dinamicidade mecânica insensível do cotidiano.

Referências

CHAVES, Sílvia. Formação, docência e arte: o desafio de ser semente. In: CHAVES, S.N.; BRITO, M.R. (Orgs.). **FOCAR: Formação, Ciência e Arte. Autobiografia, arte e ciência na docência.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

GRACIA, Breno Filo Creão de Sousa. Do movimento fugitivo ao criador: a metodologia elemental aplicada à minha pesquisa poética. In: CHAVES, S.N.; BRITO, M.R. (Orgs.). **FOCAR: Formação, Ciência e Arte. Autobiografia, arte e ciência na docência.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

MONTEIRO, Jackeline. **Introspecção: da natureza à arte ancestral /** Jackeline Monteiro. – Curitiba: Eu-i, 2024.

OLIVEIRA, Caroline, COSTA, Mônica e AIKAWA, Monica. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação** [online], Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato>. Acesso 07 de janeiro 2025.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês; RAMOS, Tacita Ansanello. Que sujeito? Possibilidades de diálogos entre Michel Foucault e Walter Benjamin e suas contribuições para os estudos curriculares. **Educação Unisinos.** 19(3):302-312, setembro/dezembro 2015.

ROPELATO, C.C.S.; SOUZA, R.F.A. de. Escrita de Si: Um ponto na linha do avesso. In: PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. (Orgs.) **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações.** Campinas: Editora Alínea, 2007.



**O estágio docência como
um processo de cura(doria):
reflexões de uma
mestranda**

Yara Laiz Souza
Leandro Barreto Dutra

Em meio a múltiplos
afetos, tempestades
do luto. Corte
visceral da ausência
materna na sonhada
trilha do mestrado
em ensino. Tessitura
dos sonhos
entrelaçada à dor,
essa costura que em
remendos e fios vai
se emaranhando.
Ainda hoje, o choro
me visita ao recordar
o último encontro
que, sem aviso, se
tornou o dia da
despedida. Eu não
sabia, ninguém
sabia, e dali emergi
como outras.
O luto diluiu a
vergonha e mais
oculto minha
sensibilidade.
Descobri-me
humana,
fragmentada em
fragilidades e força.
No processo de luto
também vivo.
Agarrei-me às
potencialidades do
viver no meio do
caos e, nesse



impulso, remédio. O encontro com o presente.

Se a existência é composta de ciclos, então, talvez, reencontre sua inteireza em uma nova dança, em uma nova relação, em um novo gesto. E nesse contínuo devir, descobrimos que a educação é um convite à travessia; uma travessia onde nos refazemos e refazemos o mundo, entre dor e esperança, entre perda e reencontro. Piso sem chão, sem norte, sem prumo. Perder você deixou-me sem rumo.

Não há compasso que ensine a seguir, Nem verbo que cure a dor desse sentir.

Abraço desfeito, abrigo perdido, O peito rasgado, o pranto incontido.

A falta transborda e
inunda meu rosto,
Deforma meus traços
em pranto e
desgosto.

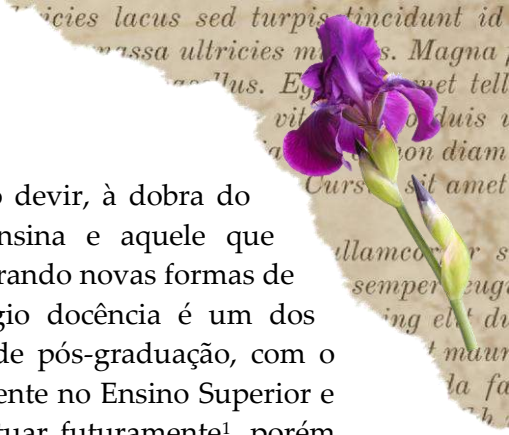
Relembro as brigas,
os risos, os dias,
Requero de volta até
as agonias.

Tento seguir
ensinando,
aprendendo,
Em rios fluindo,
meandros tecendo.

Mas eis que o tempo,
em traços sutis,
Tece caminhos, faz
cicatriz.

Noutros encontros,
faço jornadas,
A dor reconfigura-se,
em alma acordada.

Reengendramos
passos, abraços,
No peito, um lume
acende espaços.
O rio que parte
também retorna,
Em outra forma,
refaz a forma



O estágio docência foi lançar-se ao devir, à dobra do tempo que transforma aquele que ensina e aquele que aprende, dissolvendo fronteiras e instaurando novas formas de existência no ato pedagógico. O estágio docência é um dos componentes pedagógicos dos cursos de pós-graduação, com o intuito de possibilitar a experiência docente no Ensino Superior e tornando os pós-graduandos aptos a atuar futuramente¹, porém não se trata apenas de experiência ou preparação para um futuro previsível, mas sob nossa ótica, uma experiencição do presente, onde o conhecimento não é um depósito, mas um fluxo, um campo de intensidades que atravessa corpos e pensamentos.

Foi nesse território mutante que se deu a costura da cura invisível, uma reconstrução silenciosa, tecida nas palavras, nos olhares, no compartilhar dos saberes. Não bastava apenas transmitir conteúdos – a docência é um jogo de forças, um plano de composição onde a aprendizagem não é uma linha reta, mas um rizoma, enredando-se em sentidos múltiplos, imprevisíveis. A curadoria dos processos de ensino que fazíamos com os discentes foi também o processo que a curada(dor)ia.

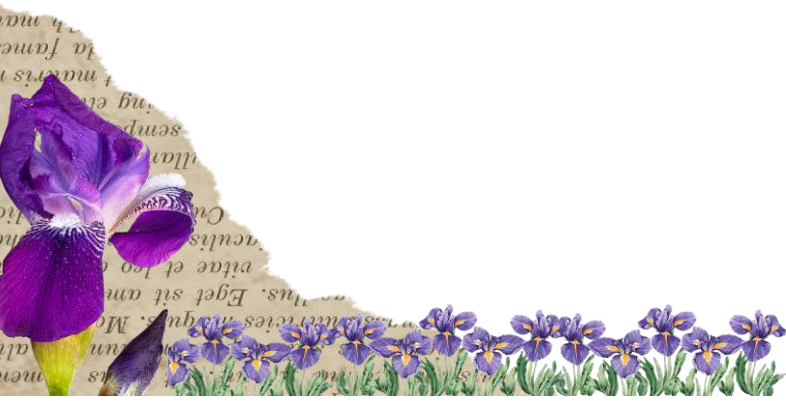
Retornar à sala de aula do estágio supervisionado, agora como estudante de pós-graduação, permitiu-me olhar a paisagem com olhos outros, e acima de tudo, foi também perceber a mim mesma através do reflexo desses encontros, ver a transformação operando-se nos gestos e nas palavras, na presença que resgatava, a cada dia, um sentido que parecia perdido. Como nos lembra Nietzsche, não há uma identidade fixa, mas uma construção incessante: "tornar-se aquilo que se é" exige confronto com o próprio abismo. Minha

própria identidade estava em construção, o que aumenta ainda mais a importância deste processo formativo².

Na travessia do meu mestrado, tracei um percurso por entre as dobras da Neurociência e da aprendizagem, explorando desde a arquitetura do cérebro até os modos como o saber se inscreve no corpo. Foram quatro encontros e a familiaridade dos estudantes com a Biologia tornava esse fluxo facilitado, mas para mim, o que mais reverberava era o inesperado: o toque casual no braço ao tirar uma dúvida, um sorriso distraído, um agradecimento sincero. Pequenos gestos que, sem que percebessem, costuravam meu próprio percurso de volta à vida.

Ao mesmo tempo, deparei-me com uma dualidade inquietante: em um curso de licenciatura, projetos de pesquisa voltados para o bacharelado. Se, por um lado, essa escolha reflete habilidades e inclinações pessoais, por outro, deixava dúvidas: era mesmo só isso?

Nos corredores e nas salas de aula da escola, palavras desencantadas ecoavam! O percurso de curada(dor)ia não era só unguentos de alegria, tinha nesse macerado um punhado também ardido. Um emplasto de resistência.





A turma era um bloco, com arestas, sem cor,
Um cubo concreto, sem riso, só dor.
Ao quadro escrevia, a voz ressoava,
Mas nada colhia, sequer uma palavra.

Estágio, mestrado, docência, em vão?
Mas será que nada encarnava aqueles que ali estão?
A professora insistia, seu plano seguia,
Eu tentava de um canto, e outros jeitos, será magia?

Mas olhos vazios, corpos de pedra,
Fazia do ensino uma estrada desértica.
E mesmo sem brilho, sem ecos, sem norte,
Fizemos o nosso, do jeito mais forte.

Pois ensinar também é isso,
Plantar sem ver broto.
Torcer para que quem sabe um dia,
Floresça escondida essa estranha vida.

*euismod lacinia at quis risus sed vulputate odio. Sed
euismod lacinia at quis. Ut tellus eleventh
icies lacus sed turpis tincidunt id aliquet
vassa ultricies mi quis. Magna ferment-
us. Eget sit amet tellus cras
vitae et leo duis ut diam
aculis eu non diam phasel-
Cursus sit amet dictum
illamcorper sit amet
semper feugiat nibh
ng elit duis tris-
mauris nunc
la fames ac
h mauris.
At*

Foi nesse espaço de tensões e desafios que reconheci a sala de aula como um território de cura, de fuga. Uma pausa no tempo em que eu podia me dedicar inteiramente ao presente. Cada encontro era um exercício de curada(dor)ia: apresentava novas ideias, novos olhares, novas possibilidades aos alunos. E, nesse movimento, também ria. Era cura(dor)ia. A cada conceito compartilhado, a cada olhar atento que me devolvia sentido, eu não apenas ensinava – reconstruía a mim mesma. A dor do luto se diluía na prática docente, transformando-se em aprendizado, em presença, em ato vivo.

E toda vez que eu movia o meu corpo rumo á escola, para acompanhar os alunos da disciplina de Estágio Supervisionado,



algo a mais me movia. Era o ambiente da escola, era a realidade a ser vencida, era a minha vontade de ajudar. Era a vontade de mudar a mim mesma, e de ser atravessada por toda aquela experiência. Eu me esquecia da dor enquanto prestava atenção nas explicações, slides, anotações, cochichos e risadas em sala.

Dentro de um processo de formação profissional, o estágio docência pode ser considerado o ponto mais relevante³. Para além



do meu próprio projeto de pesquisa, aquela experiência revelou-se um campo de descobertas. Ainda que a realidade escolar, com seus múltiplos desafios, pudesse parecer uma tentativa de arrefecer minhas esperanças, ainda que os ecos de descrença de outros profissionais à primeira vista ameaçassem obscurecer o horizonte, aquele era um momento de cura.

Neste processo, a supervisão do orientador coexistiu com a autonomia da criação. A docência emancipada é aquela que se faz no próprio ato de ensinar, onde se toma para si a escolha dos caminhos, dos materiais, das estratégias. Como aponta Deleuze, “Não se trata de descobrir o verdadeiro, mas de criar mundos possíveis”. Esta forma de docência possibilita que o aluno de pós-graduação tenha compreensão da realidade geral que o circunda, passando por aspectos que vão dos sociais aos econômicos. Esta é uma ação complexa que deve ser dotada de bastante intencionalidade⁴. E não era apenas o pensamento que se movia. Meu corpo, antes pesado, começava a reencontrar a leveza do movimento. Meu mundo, antes fechado em si mesmo, voltava a se expandir.

Saía de cada aula um pouco mais inteira. Saía mais humana, mais atenta, mais imersa no que realmente importava. Deixava-me transbordar para os alunos de estágio, atravessando suas dúvidas, acompanhando suas invenções, testemunhando suas soluções. Ao final desse percurso, reunimo-nos em um seminário, um espaço de escuta e reflexão compartilhada. Era o instante de olhar nos olhos de cada um, de perceber o outro e suas relações a licenciatura. Os temas que emergiram nas discussões não eram apenas acadêmicos, mas ecos das realidades que atravessam o cotidiano escolar:

- Educação antirracista;

- O uso do celular em sala de aula;
- A motivação de alunos e professores;
- Questões sociais e familiares que levam à evasão.

Cada debate era um espelho, refletindo memórias do tempo em que eu estava no lugar deles. Ouvia suas reflexões e, ao mesmo tempo, sentia minha mente se mover entre o presente e o luto, talvez criando a terceira margem do rio – esse não-lugar entre uma coisa e outra, fazendo-me mistura de muitos modos.



Floriografia



Milefólio

Significado: cura para corações quebrados



Iris

Significado: valentia, sabedoria e fé



Flor do maracujá

Significado: fé



Camomila

Significado: força na adversidade

Referências

- LEAL, Edvalda Araujo; FERREIRA, Layne Vitoria; DE FARIAS, Raíssa Silveira. O papel do estágio docência no desenvolvimento de competências didático-pedagógicas no contexto da pós-graduação em Contabilidade. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 14, n. 2, 2020.
- MARIANO, Maria Luzia Silva; FRANCO, Sandra Aparecida Pires; DE OLIVEIRA, Katya Luciane. Estágio em docência na pós-graduação: perspectivas acerca da formação docente. **Revista Transmutare**, v. 4, 2019.
- SILVA, C. S. C.; COELHO, P. B. M.; TEIXEIRA, M. A. P. Relações entre experiências de estágio e indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 35-46, 2013.
- SOUZA, Gahelyka Aghta Pantano. O estágio docência na pós-graduação: relatos de uma professora do magistério superior. **Scientia Naturalis**, v. 1, n. 5, 2019.

Um amazonear-se inventado em floresteios

Monica Aikawa



Referências

- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- CORAZZA, Sandra Mara Corazza. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240040, 2019.
- CORAZZA, Sandra Mara Corazza. O Sonho da Docência: Fantástico Tear. **Pro-Posições**, Campinas, v. 32, p. e20200008, 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. ed. 11. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

UMA ADULTEZ INFANTE AMAZÔNIDA



Leo Santos
Monica Aikawa
José Vicente Aguiar

CORPO- PESQUISADOR

Vento no rosto, questionamentos ao ar
Que corpo sou, o que habito?
O que posso habitando o professorar?
Se não for conhecer a si mesmo
Se emaranhar de imensidões
Se fazer diferente na diferença
Destradicionar as tradições



CORPO



O desejo de habitar existências
Transportar fantasias em tampinhas
Colorir corpos, costurar vivências
Nadar em águas vizinhas
E ouvir o canto das pequenas aves,
Onde o tempo, desapressado, ensina.





Sou movido por ribanceiras cotidianas
Desimportante e sem lucidez
Transpassado por águas agitadas
Me pego no fluxo da adultez

Corro
Trabalho
Estudo
Respiro
Como, se der
Se não der, corro.



Corro contra o tempo,
Também corro do tempo
Me faço de desentendido
Tudo para ser compreendido
Fui convidado por mim mesmo
A me aventurar em uma adultez
infante



Quando pequeno, era muito questionado
O que você quer ser quando crescer?
Não sabia responder, mas agora crescido
Posso responder que quero ser pequeno
Estou a ser
(Re)Existindo enquanto professor



professorar

Bioinstrumentalizar-se na Floresta Amazônica¹

Stivisson Menezes Correia
Caroline Barroncas de Oliveira
Hívina Dorzane Machado

O som...composições...
O toque...instrumentalizar-se...
O cheiro...florestar-se...



Inundados pela
umidade da mata,
sentados em pedaços
de troncos...terra
úmida, som que
conclama vidas

Foto de Beto Click, 2024

¹ Para uma leitura sensorial, aqui está um convite para bioinstrumentalizar-se. Poderá clicar no link <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqQMF9iL71WgKpNDVU5J2rXWhWP1rb1Se>. Bioinstrumentalizar-se na floresta amazônica. Nosso canal no *YouTube* *Vidar em In-Tensões*



Vidas encantadas por sons, cheiros e toques, vidas que sobressaem a relação humana, está para além, está para a vida na imanência de corpos que se cruzam e se entrelaçam entre troncos, folhas, terra...espinhos, sons de passarinhos e tantos outros não humanos que os olhos não conseguem acompanhar.

Foto Hívina Dorzane, 2024

Na batida de troncos chama a vida, no estalar de galhos e folhas
sussurram segredos.
Feixes de luz adentram os mistérios da floresta.
Da terra nasce a vitalidade da (de)composição.
Estaremos nós circularizando entrecruzos?



Foto Hivina Dorzane, 2024

Cria-se o Nós-
som/toque/cheiro/mata/
umidade/folhas/troncos/
fragmentos,
bioinstrumentalizados
por Vidas-floresta.



Foto Beto Click, 2024

“Lugares não são coisas, são entidades vivas” (Couto, 2011, p. 14).

Ao bioinstrumentalizar-se frente a tudo isso, em Nós-floresta:
Materializamos através de nossos corpos encantos de uma
Amazônia através de experimentações e desvios que
tocam/sonorizam ideias fluídas de existências;
Rasuramos as ideias constitutivas baseadas no domínio da mente
e criamos a imanência entre corpos, um corpo que florestania em
composições;

Habitamos o Nós, criando sons ao “conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (Krenak, 2020, p. 9), uma sonoridade corporal de um Nós-floresta requer vidas enquanto cruzo elementares de ancestralidade.



Foto de Beto Oliveira, 2024.

Referências

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano**. Editora Companhia das Letras, 2011.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

**Cartas para Glória:
uma cartografia de mulheres amazônidas**

Maria Eduarda Glória Neves

Minha formação docente, exige de mim uma reconexão da visceralidade que há um tempo já estava desligada. O sentir-se, o afetar-se, o incomodar-se...sentidos que evitava remexer porque talvez não quisesse ao menos sentir, foi quando ocorreu meu encontro com professorar. Professorar-se. Aquela que se permite estar vulnerável, que se permite ser atravessada, que se permite (des) criar e recriar-se em mundos novos, mundos inventados, subir e descer em rios e suas confluências. Que potências podem ser geradas quando se está aberto a essas experimentações corpóreas?

Mergulhando sobre essas águas escuras e inexploradas da docência, pude capturar afetos aos quais não podia quantificar ou mensurar, não seguiam uma linha cronológica, ou mesmo vinham de acontecer nos espaços que são “denominados” a acontecer... Esses encantamentos foram surgindo em diferentes experimentações como poesia e pinturas e diálogos e risadas...e...e...e...

Nesse meio eu fui me des-criando, me criando, recriando, movida por intensidades de um corpo-infante sem órgãos que se permite dançar com as águas do rio.

Em meio a esse brincar com o mundo, me sinto. Me sentindo, vejo a força de todas as mulheres que me carregaram no colo, eu sinto suas preces por dias melhores por cada uma de nós, eu sinto seus beijos em minha testa, e sinto ainda mais um desejo que foi por tempos reprimido e que hoje, talvez comigo, eles estejam tomando forma, sabor, cheiros, texturas, cores... Nesse caminhar, me encontro com cartas e poesias escritas pela minha avó materna, Lídia Glória, uma verdadeira artista que se

escondia em um padrão socialmente aceito, de mãe e esposa,
mas que em suas declamações aos céus mostrava gritava a arte
inexpressada que suplicava por forma.

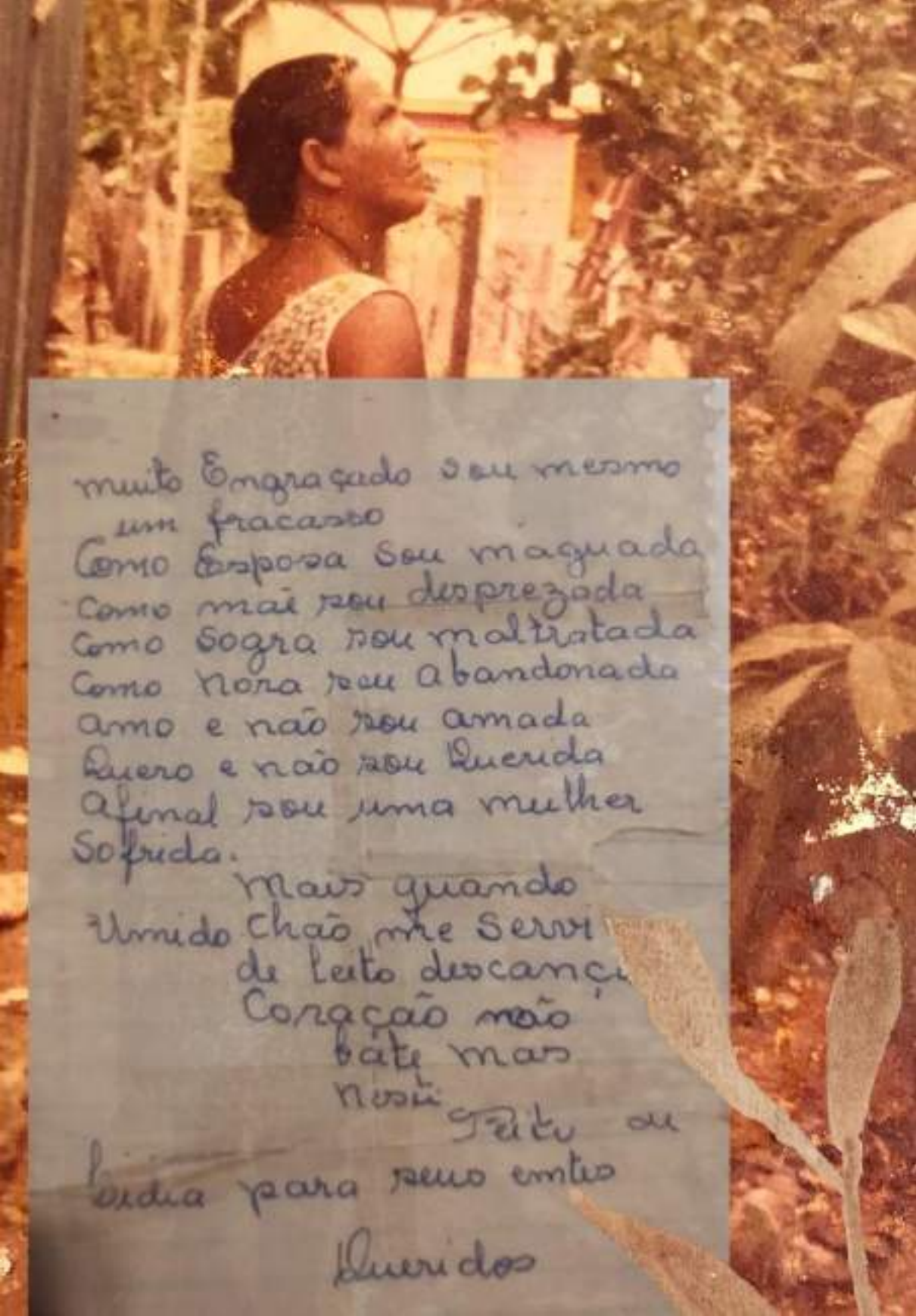
E aqui me permito abertura à artistagem!



Eu e RIO

Maria Eduarda Glória Neves

Nas margens do Rio Negro fui criada
Na dualidade do Encontro das Águas
me fiz, refiz e desfiz
No vai e vem do banzeiro naveguei por
Amazônias tantas
que se fizeram transbordar em mim
Dupla Captura.
Eu e o rio. O rio e eu. Um só.
Aconteço nesse corpo biovegetal.
Agora eu posso sonhar
Quando o rio beijou o céu
e o sol nas águas escuras quis se banhar
meu coração transbordou
e agora foi a vez dele falar.



Muito Engraçado sou mesmo
um fracasso
Como Esposa sou maguada
Como mãe sou desprezada
Como sogra sou maltratada
Como nora sou abandonada
Amo e não sou amada
Quero e não sou querida
Afimall sou uma mulher
Sofrida.

Mais quando
Umido Chão me servi
de leito de canção
Coração não
bate mas
nos
Teito de
lida para seus entes
Queridos

Cartas para Glória

Maria Eduarda Glória Neves

Das Amazônidas carrego suas dores, seus risos,
seus sabores, seus amores Com elas me invento
Debaixo de suas folhas faço minha morada
Busco nas palavras o teu encontro.

No teu encontro
me encontro

No cheiro do guiné te trago pra perto.
Nas águas dos rios que me banham,
lá estás tu!

Amo e te quero amada.

Quero e te quero querida

Assim, busco formas de te trazer pra minha vida
Quando o úmido chão te serviu, no meu peito
assim se abriu

Descansou teu coração

Pra bater com o meu em uma junção.

A constituição de si em Borboleamentos

Judi Carla Melo Cauper

O casulo me sufocou
Ali eu já não cabia
Chorei, coloquei minhas asas
E voei sozinha

Fui atrás de doces ou amargas palavras
Palavras que inventassem uma vida
Usando minhas antenas
Achar um mundo livre às poesias

Busquei em meio às folhas
E voei em direção ao céu
Busquei em meio às árvores
E voei em direção ao sol

Minhas asas falharam e eu caí
Mas lá do chão, eu percebi
Que as palavras que eu tanto procurava
Já estavam em mim

Vida-me-quer, Metamorfasear-me-quer
Nada deterá a minha primavera
Bem-me-quer, Mal-me-quer
A aurora, por mim, espera

Chorei, dessa vez de alegria
Eles que significam a vida
Tantas flores
Meus olhos insetais de cronista percebem

Tantos afetos
Meus olhos insetais de poetisa escrevem



Por muito tempo eu procurei as “palavras certas”, ditas por outros, uma tentativa falha de encontrar verdades absolutas para compreender minha formação. Felizmente falhei, pois assim busquei os (des)caminhos para uma docência outra, simbolizada pelo voo de borboleta, que através de estudos voltados para o Cuidado de Si, a busca de um professorar livre para voar em meio à arte e poesia.

Perceber durante o processo de tornar-me professora que existem formas outras de exercer meu professorar, de encontrar a vida por meio da arte e do sentir, de proporcionar espaços-tempos para vivências e experiências que causam afetamentos diferentes e

que trazem significado para aquilo que antes parecia tão distante e sem cor, dentro da Universidade e das escolas.

As borboletas me assustavam porque elas representavam mudanças e inconstância. Hoje, elas me trazem alívio e um lembrete que metamorfoses são possíveis e o constante devir dentro dos processos formativos e processos de vida.

**Ser estar desaguar em lutas do Dia Internacional das Mulheres:
corpo docente natureza entre mulheres amazônidas!**

Adriana Rio
Mônica de Oliveira Costa

“Mas é dentro,
bem no lugar que a gente não vê,
que o não dar conta ocupa tudo”
(fragmento de *Tudo é Rio* da escritora mineira Carla Madeira)

Iº ATO
Travessia...

Na balsa a escuridão da noite na iminência do dia, adentra o rio Negro, buscando o encontro das águas que compoem com a aurora anuncia o espetáculo de um novo dia, no espelho das águas terrosas do rio Solimões.

A travessia nos atravessa e arremessa para o encontro com as mulheres amazônidas que se buscam a partir da acolhida em seus territórios, corpos, terras, plantações, casas plenas de sons e sabores que nos preenchem de encantos das suas reexistências cotidianas, como plantar, como colher, como transformar os alimentos, como cuidar dos corpos e curar as almas das marcas do tempo.

Tempo cíclico que é embalado pelo tempo das águas: dos rios, das chuvas, das lágrimas que compõem a vida das mulheres amazônidas.

Dentro da travessia sinto que tudo é rio, a abundância das águas encharca os sentidos, a percepção das cores e sabores se expandem, os sons se dilatam em um ecoar interno de sopro vital, como um sutil ruído do movimento embalando o corpo por dentro, amalgamando conexões.

O amalgamento vem em ondas imperceptíveis de emoções que afloram inesperadamente, no encantamento com os pássaros, no espanto amendontrado perante a canoa corajosa que atravessa soberana, o rio caudaloso, que assombra e se impõe na paisagem externa e interna.

O corpo docente da professora, carregado da *práxis* educativa, do educar e do cuidar que permeia uma docência consciente dos desafios da educação como prática da liberdade, sente o aprisionamento da vida urbana, engendrada nas instituições dos saberes educacionais, que permeiam creches, escolas, universidades tão acimentadas por seus territórios de concreto da cidade.

Ser estar corpo docente nesta outra condição, que exige entregar-se ao movimento das águas, desejando seus transbordamentos, buscando desaguar outros processos de produção de conhecimento entre mulheres, estas que historicamente são responsáveis pela criação para além da reprodução da vida.

No tempo que estive vivenciando a travessia, senti a vida que pulsa de casa em casa, entre as mulheres amazônidas que compõe o Coletivo de Mulheres Agricultoras e Empreendedoras de Careiro Castanho – CMAE, pulsações de encontros, nas partilhas objetivas e subjetivas possíveis, do cuidado partilhado ao autocuidado compartilhado, tecendo uma rede de potencialidades, pequena, porém potente, que sustenta sonhos e possibilidades de melhores condições de vida nesta comunidade.



Imagem 1. Fragmentos da travessia Manaus Careiro Castanho.

IIº ATO

Transbordamentos...

SOMOS FILHAS DAS RIBANCEIRAS
NETAS DE VELHAS BENZEDEIRAS
DEUSAS DA MATA MOLHADA
TEMOS NO URUCUM
A PELE ENCARNADA
A PELE ENCARNADA
A PELE ENCARNADA
LAVANDO ROUPAS NO RIO
LAVADEIRAS
NO CORPO UM GINGADO
CARIMBOZEIRAS
TEMOS A FORÇA DA ONÇA PINTADA
LUTAMOS PELA ALDEIA AMADA
MAS VIVER NA CIDADE

NÃO NOS TIRA O DIREITO
DE SER NAÇÃO
TER ANCESTRALIDADE
SABEDORIA, CULTURA
SOMOS FILHAS DE NHANDERÚ, SENERÚ, NHANDECY
SOMOS FILHAS DE NHANDERÚ, SENERÚ, NHANDECY
O BRASIL COMEÇOU BEM AQUI
OU SERÁ QUE FOI ALI
O BRASIL COMEÇOU BEM AQUI
OU SERÁ QUE FOI ALI
NÃO NOS SENTIMOS ACULTURADAS
TEMOS A MEMÓRIA ACESA
E VIVEMOS A CERTEZA
DE QUE A NOSSA ALDEIA
RESISTIRÁ AO PRECONCEITO
DO INVASOR
RESISTIRÁ AO PRECONCEITO
DO INVASOR
SOMOS A VOZ QUE ECOA
RESISTÊNCIA? SIM SENHOR!
SOMOS A VOZ QUE ECOA
RESISTÊNCIA? SIM SENHOR!

AMAZÔNIDAS¹

AUTORIA: LETRA: MÁRCIA KAMBEBA | MÚSICA: ESTELA
CEREGATTI

Fonte: LyricFind

Compositores: Estela Ceregatti / Márcia Kambeba

Letra de Amazônidas © 2022.

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gNrC9Ms-vEU&t=9s> Acesso em 08.03.2025



Imagem 2. Castanheira que o pai plantou no terreno de uma das mulheres amazônidas que está se reinventando no seu tempo e no espaço.





Imagem 3. Fragmentos de transbordamentos, encontros, escutas, colheitas.

IIIº ATO

8 de março - Dia Internacional das Mulheres

Homenagens

Hoje é o Dia da Mulher.

Ao longo da história, vários pensadores, humanos e divinos, todos machos, cuidaram da mulher, por várias razões:

- *Pela sua anatomia*

Aristóteles: A mulher é um homem incompleto.

São Tomás de Aquino: A mulher é um erro da natureza, nasce de um esperma em mau estado.

Martinho Lutero: Os homens tem ombros largos e cadeiras estreitas. São dotados de inteligência. As mulheres têm ombros estreitos e cadeiras largas, para ter filhos e ficar em casa.

- *Pela sua natureza*

Francisco de Quevedo: As galinhas botam ovos e as mulheres, chifres.

São João Damasceno: A mulher é uma jumenta teimosa.

Arthur Schopenhauer: A mulher é um animal de cabelos longos e pensamentos curtos.

- *Pelo seu destino*

Disse Yahvê à mulher, segundo a Bíblia: Teu marido te dominará.

Disse Alá a Maomé, segundo o Corão: As boas mulheres são obedientes.

*(da coletânea de pequenas crônicas, **Mulheres** do poeta e escritor uruguaio, Eduardo Galeano, 1997)*

Nos reunimos na sede do CMAE, intencionalmente na tarde do dia 07 de março de 2025, véspera do Dia Internacional das Mulheres, visando debater esta data celebrada mundialmente como uma jornada de lutas das mulheres, que lutaram nas ruas, com greves e manifestações públicas deste o início do século XX por melhores condições de vida. Em um breve relato apresentei a origem do 8 de março, a partir da organização das mulheres trabalhadoras, após a revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos, que sofriam com jornadas de até 16 horas de trabalho em fábricas, juntos com crianças em terríveis condições de insalubridade, buscando situar que esta data marca as lutas mundiais contra a opressão e a violência contra as mulheres, no trabalho nas fábricas, mas também no trabalho doméstico e as desiguais divisões do trabalho de produção e reprodução da vida. Destaquei que a data só foi oficialmente reconhecida pela ONU em 1975, o Ano Internacional da Mulher e nos últimos 50 anos tivemos conquistas políticas importantes, mas a violência e a desigualdade salarial, ainda são uma triste realidade das mulheres em todo mundo.

Salientamos que historicamente esta data vem sendo despolitizada pelo viés da homenagem com romantismo comercial,

entre flores e presentes, mas que mascara as múltiplas opressões e violências estruturais que recaem sobre os corpos e as vidas das mulheres.

Iniciamos com uma espontânea ativação corporal da presença, protagonizada pelas mulheres do CMAE, nas suas experiências, com corpos que se alongam, falam, riem e soltam-se na coletividade que o encontro promove. Após a leitura poética provocativa de Galeano, naquele pequeno círculo das mulheres do CMAE, pairou um silêncio reflexivo, seguido de múltiplas vozes, relatos desobedientes, questionamentos insubmissos, pois são *insubmissas as lágrimas das mulheres*, parafraseando a poética de Conceição Evaristo. como ressoa em mim, ao rememorar o encontro.

As mulheres ao se questionarem sobre as afirmações do autor, referenciado por outros autores, todos homens, sobre as mulheres, foram rompendo silenciamentos com pequenas narrativas de suas histórias de vida. Relatos de opressões suportadas em nome dos filhos, da família, da tradição em convenções que herdamos e inCORPORamos até nossos corpos adoecerem ou buscarem se fortalecer com o tempo das esperas e colheitas para as rupturas e reinvenções de si. Mulheres mães, avós, agricultoras, semeadoras de sonhos de liberdade de poderem ser o que quiserem, de terem direitos ao tempo para o lazer, para embelezar-se, estar com as amigas, envelhecer em plenitude.

As mulheres amazônidas do CMAE em suas vozes ecoaram femenagens a si mesmas, com fios conscientes de trabalho com a terra, entre frutas, frutos, folhas das ervas e as mãos que curam, semeando processos de resistências; tecendo em seus territórios corpos, elas por elas mesmas; fixadas em cartazes presenças para a Marcha do 8M de Manaus, mulheres livres para voar.



Imagem 4. Fragmentos da Oficina de Cartazes no CMAE e participação da Marcha do 8 de março de Manaus. Registro visual de Ingrid Nascimento.

Amazônia-vida

Fabiane Andrade Batista
Mônica de Oliveira Costa

Amazônia-vida

No convite para olhar a floresta,
qual ação ela nos convida a fazer?
Quais verbos surgem?
Pertencer.
Compartilhar.
Minhocar.
Voar.
Arvorecer.
Florestar.

Fabiane Andrade Batista



Pertencer

Atravessei as águas barrentas do rio até a cidade de Manaus.

Em direção a experimentações sensíveis, artísticas e nutritivas.

No caminho, duas araras em meio ao cinza dos prédios.

No caminho, novas cores e também vazios.

Os ventos indicavam um atravessamento por linhas em tons esverdeados.

Pousando, nos conectamos com o chão.

Algumas coisas foram deixadas para trás.

Meus passos se entrelaçam com a terra.

Experimentando a escuta, o silêncio, o som, o verbo, os sabores, sensações e invenções.

Na Amazônia, sou rio, sou folha, sou o cheiro da chuva antes de cair.

Me dissolvo entre as sombras das copas e a luz filtrada pelos galhos.

A floresta me acolhe e me compõe, como se sempre tivesse sido parte da minha existência.



Compartilhar

O calor envolvia os corpos.

Como o corpo se conecta com o outro?

Partilhamos os dias.

As mãos cavam, plantam, colhem, cozinham.

No prato: feijão com Ora Pro Nobis, flores na salada, Crista de galo frita.

Sabores que confundem.

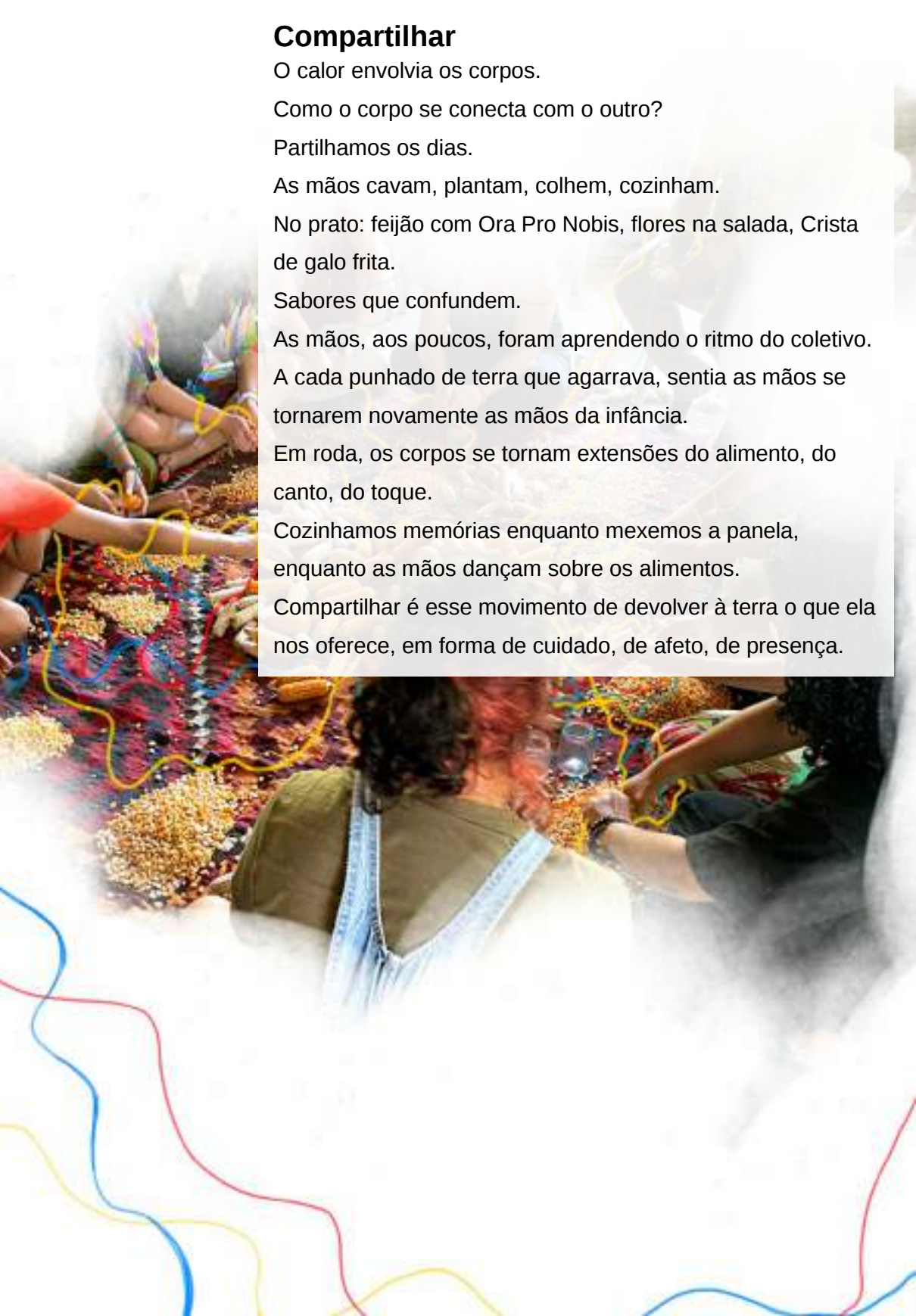
As mãos, aos poucos, foram aprendendo o ritmo do coletivo.

A cada punhado de terra que agarrava, sentia as mãos se tornarem novamente as mãos da infância.

Em roda, os corpos se tornam extensões do alimento, do canto, do toque.

Cozinhamos memórias enquanto mexemos a panela, enquanto as mãos dançam sobre os alimentos.

Compartilhar é esse movimento de devolver à terra o que ela nos oferece, em forma de cuidado, de afeto, de presença.





Minhocar

Entre cipós...olhos.

Como os outros seres enxergam/sentem o mundo?

Cismeï com o olhar da minhoca.

Além de voar como um pássaro, experimentei outros corpos.

Diante da textura do chão, da umidade do solo, imaginei seu mundo.

Apesar de serem animais subterrâneos e habitarem solos

úmidos, via a minhoca pelos galhos, talvez não seja bem uma

minhoca comum, e talvez ela se sinta estranha e desabitada para

além do seu mundo molhado e escuro.

Minhocar é olhar o invisível, é perceber os labirintos abaixo dos pés.

Me coloquei em seu lugar, guiada pelo tato da terra.

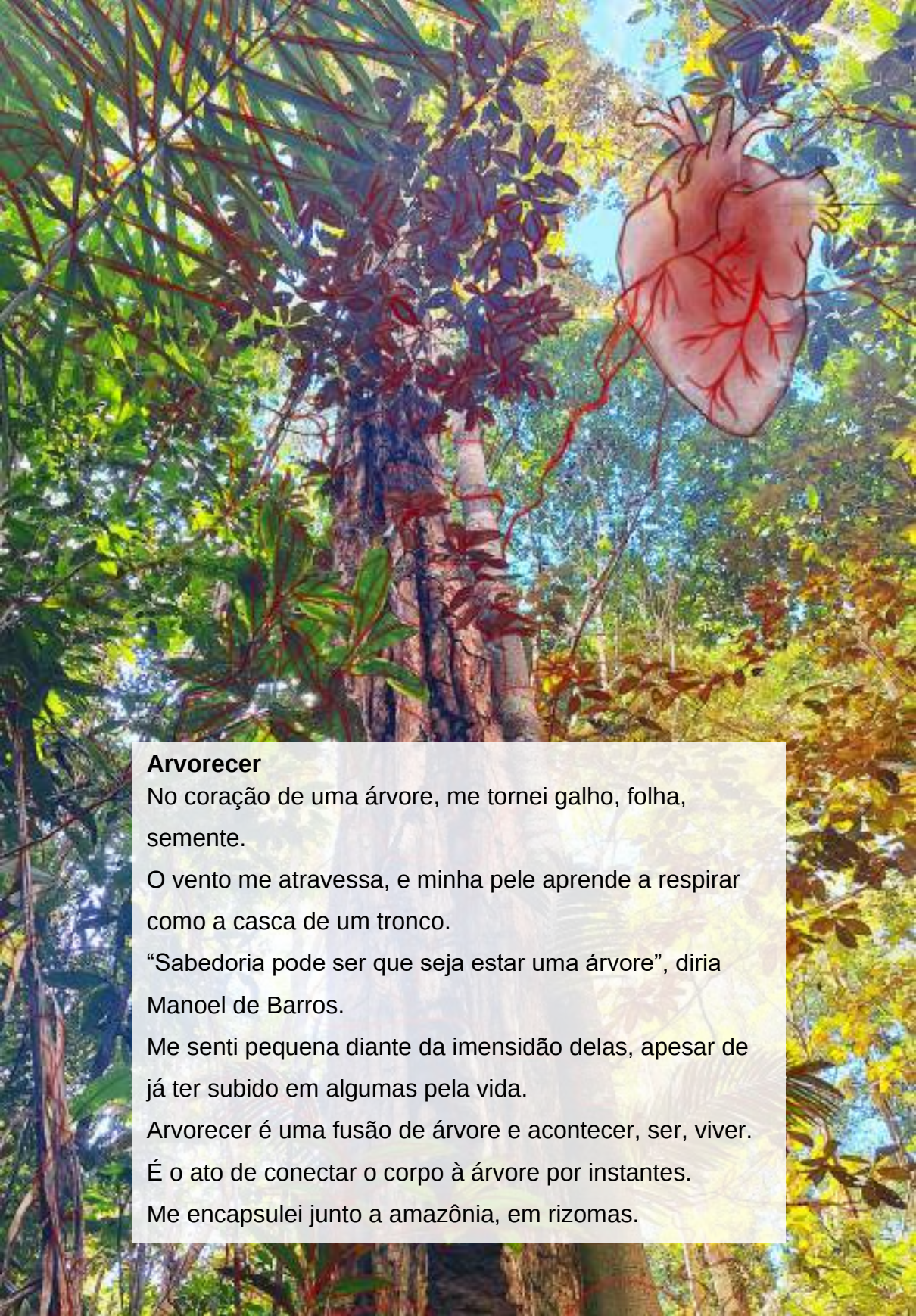
Minhocar é sentir pelo corpo inteiro.



Voar

Meu corpo aprendeu a voar entre respiros e ventanias.
Nas asas, carrego arte e deslizo entre galhos e ventos.
Voar pelos caminhos das florestas e das águas, para além da
contemplação passiva, fazem vazar uma energia inspiradora
para pensarmos outros modos de vê-la.
Ao fechar os olhos, me conecto com a Amazônia, sinto seu
pulso,
ouço seu chamado.
Sobrevoei a floresta, vi sua imensidão de cima.
Mas também pousei: no tronco de um galho, no chão úmido que
acolhe.
A Amazônia que habito é menor, íntima, feita de sensações, de
seivas e silêncios.





Arvorecer

No coração de uma árvore, me tornei galho, folha,
semente.

O vento me atravessa, e minha pele aprende a respirar
como a casca de um tronco.

“Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore”, diria
Manoel de Barros.

Me senti pequena diante da imensidão delas, apesar de
já ter subido em algumas pela vida.

Arvorecer é uma fusão de árvore e acontecer, ser, viver.
É o ato de conectar o corpo à árvore por instantes.
Me encapsulei junto a amazônia, em rizomas.

Florestar

Me fiz floresta. Sou floresta.

Florestar é aceitar ser parte do ciclo, dissolver-se e recompor-se em novas formas.

Florestar é entender que a existência é um emaranhado de enredos vivos.

A Amazônia deixa marcas em quem a habita, traçando cartografias na pele, no olhar e na memória.

Me deixo ser raiz, copa, cipó, brisa, chuva.

Me deixo ser floresta, inteira.



Maniçoba é a comida mais gostosa do mundo

Fabíola Fonseca

Aos poucos, todos puseram a gritar e soluçar de pavor no acampamento: “Aê! O céu está despencando! Vamos todos morrer! Aê!”. Eu também tinha medo. Ainda não havia me tornado xamã, e perguntava a mim mesmo, muito inquieto: “o que vai acontecer conosco? Será que o céu vai mesmo cair em cima de nós? Vamos todos ser arremessados para o mundo subterrâneo?”

Trecho de A queda do céu, Davi Kopenawa

Quando recebi o email-convite para compor com os outros textos desse livro, fiquei um pouco sem entender a proposição. Era um texto que deveria ser feito a partir daquilo que foi proposto em alguma disciplina? Era um texto que deveria, de alguma forma, rememorar uma educação que fosse atravessada pela floresta? Demorei a pegar a proposta, mas quando peguei me vi diante de uma das mais belas oportunidades de escrita: um texto que de alguma forma falasse com a Amazônia que carrego comigo. Para quem não sabe, eu nasci no norte do país e passei parte da minha infância por lá antes de vir morar em Goiânia aos 8 anos de idade.

Eu me lembro muito bem dos lugares nos quais meus pais levavam a gente pra brincar. Lembro de um rio enorme, que não dava para ver a outra margem, e de uma praça que ficava logo em frente. Acabei de perguntar para a minha mãe o nome e ela disse que era o Rio Amazonas e a praça Zagury. Aos finais de semana era muito comum a gente ir lá com meus primos e minhas irmãs. Mas também costumávamos ir muito para o sítio de um tio, que ficava em Mazagão.

O meu pai, engenheiro agrônomo, tomava conta das plantações. Tinha abacaxi, maracujá, laranja - ao menos são essas que lembro agora, correndo o risco de estar sendo negligenciada pelas

minhas lembranças. Mas, se a proposição feita foi remexer nesse baú das lembranças, revisitar e atualizá-las nessas linhas de escritas, me solto com essas palavras que estão aqui ganhando força na medida em que faço o esforço para me lembrar das coisas. Entre as lembranças que encontro, me vejo diante da plantação de abacaxi com meu pai, ele me mostrando aquela fruta que nasce de um jeito bem esquisito. O fruto, que na verdade é resultante de uma inflorescência, cresce do caule, que por sua vez fica rodeado de folhas. Ainda tem a coroa do abacaxi, que cresce na parte de cima da inflorescência. A planta como um todo parece um abacaxi crescendo de outro abacaxi. Foi com meu pai também que eu aprendi a encontrar beleza na flor do maracujá, que aos meus olhos lembra uma bailarina. A porção central da flor era arroxeadada, as pontas das pétalas eram brancas, o que formava a saia da minha bailarina imaginária. O que hoje eu consigo chamar de androceu e gineceu, pareciam o corpo e as mãos da bailarina executando sua dança.

Assim como meu pai, acho que a flor do maracujá é a mais bonita do mundo - talvez porque pude experimentá-la na companhia dele, logo foi uma experimentação que desde o começo já estava imantada pelos afetos que nos conectam. Há quem diga que são nesses momentos, quando as forças do mundo são convocadas, que a gente passa a hesitar diante das certezas. E talvez sejam com esses movimentos que a gente tem a oportunidade de expandir nossas formas de sentir, de agir e de imaginar.

Meu pai me apresentou o abacaxi e a flor do maracujá - que é a que uso costumeiramente nos meus slides quando dou uma aula para falar dos agenciamentos que uma flor pode produzir com o mundo. *O que pode uma flor?* é uma pergunta de matriz espinosista recorrente nas minhas práticas. Eu gosto de mostrar como o androceu dessa flor é voltado para baixo, o que faz com que o grão de pólen alcance as costas dos insetos que vem ali visitá-la. De fato é um balé orquestrado que faz com que flor e inseto tenham ali um mundo comum, por ser um mundo compartilhado: cada um com seu interesse, conectados com seus devires: uma simbiose.

Talvez seja nesse ponto que a @liquenprojeto, um perfil que mantenho no instagram no qual proponho cursos e encontros para falarmos das articulações entre a biologia, a filosofia e a arte, deva ser posto em relevo. É por lá que encontro minhas frestas no mundo e, são com elas, que vou criando e experimentando minhas pequenas alegrias e revoluções. Bem, mas devo dizer que tudo o que disse até aqui está sendo embalado por uma escrita fluida e constante com essas lembranças que me chegam agora. Estou em estado de poesia com tanta coisa, inflada de mundo, de lembranças, de histórias que me povoam agora de outros modos nessa escrita que convoca meu corpo todo.

Volto então para os dias em que celebro minha vida, o dia do meu aniversário. Me lembro que tínhamos um (quase) um hábito de cozinhar maniçoba para servir aos nossos convidados. Maniçoba é uma comida de origem indígena feita com a folha da mandioca brava - que é tóxica. Por isso, o preparo da maniçoba leva muitos dias. É preciso ralar as folhas, espremer, secar e depois cozinhar durante sete dias. É possível comprar a maniva (que é a folha da mandioca já ralada). Nos primeiros dias de cozimento, o cheiro exalado é bem forte, até meio enjoativo, eu diria. Ali pelo terceiro dia, a coisa muda, o cheiro se torna mais próximo da maniçoba pronta do que da maniçoba do primeiro dia. Originalmente, eu não sei o que acontece depois daqui, mas pela influência da mistura cultural, após uma semana de cozimento, a gente acrescenta as carnes e linguiças defumadas, como se fosse uma feijoada. Depois de pronta, a gente serve com arroz branco e farinha de mandioca - caso tenha. O que eu posso dizer é que essa é a comida mais gostosa do mundo e sua preparação é uma celebração!

Aliás, a maniçoba é uma comida feita originalmente em comemorações especiais desde sempre. Na minha família, a gente segue preparando a maniçoba, mas hoje em dia fazemos para celebrar a vida do meu pai ou o Natal - que é a ocasião em que conseguimos reunir nossa família. Quero falar sobre o vínculo que ela me faz ter com a terra, como também por toda essa ciência que tem no seu preparo.

Ao falar sobre o vínculo, não posso deixar de trazer para cá Isabelle Stengers, quando ela diz que “as ligações/vínculos são o que faz com que as pessoas, incluindo todos nós, sintam e pensem, sejam capazes ou se tornem capazes” (p. 20, 2021). E é por esse vínculo que a gente passa a prestar atenção, a ter cuidado. Não um cuidado calcado em uma série de princípios morais que te dizem a priori o que fazer, como agir e/ou sentir; mas um cuidado com o qual você aprende a prestar atenção, aprende a se interessar por algo, aprende a colocar esse “algo” em um lugar de importância porque é por e graças a esse vínculo que as coisas existem.

É como se, graças a esse vínculo que nos faz prestar atenção, a gente aprendesse uma medida que nos faz pisar e caminhar na terra, a experimentar com esse chão. Talvez tenha sido assim que as populações indígenas tenham encontrado a receita da maniçoba: aprendendo a dosar, a sentir o cheiro, perceber a textura das folhas fervidas, a cor...e a cada novo encontro com uma dessas características, uma relação com a terra foi se renovando. Uma verdadeira ciência de quem experimenta o chão em que pisa na medida em que caminha com e graças a ele.

Quem caminha com esse chão, cria com ele uma relação. Talvez mais sensível, mais generosa e mais simbiótica porque o chão passa a ter importância - quase sagrado, no sentido da imanência. É como se o sagrado estivesse nas folhas, no chão, na terra, no ato de olhar, no preparo. E isso de perceber o sagrado nas coisas produz outros agenciamentos dos quais emergem gestos mais gentis, gestos de quem de fato está em uma relação com o outro.

Um agenciamento, para Deleuze e Guattari, é a reunião de componentes heterogêneos, uma reunião que consiste na primeira e última palavra da existência. Não se trata de eu existir primeiro e depois adentrar os agenciamentos. Pelo contrário, minha existência é minha própria participação nos agenciamentos [...] (STENGERS, 2017, p. 11).

Quando falo da maniçoba, estou falando de um modo de produzir conhecimento com o mundo que é atravessado por esses agenciamentos com uma Terra que é sagrada nesse plano de

imanência. Isso se torna um modo de conhecer o mundo e de produzir conhecimento não mais sobre ele e sim com ele, fato que está visceralmente articulado com a forma como nos relacionamos e criamos nossas sociabilidades. Os nossos modos de conhecer o mundo, nos fazem criar um modo de pisar o chão pelo qual caminhamos. E dentro dessa rede da qual a maniçoba faz parte, não é estranho escutar que esta é uma comida sagrada feita para celebrar acontecimentos importantes para um povo.

Eu tenho usado a maniçoba como exemplo nas aulas propostas na @liquenprojeto, para pensarmos nos diferentes modos de produzir conhecimento no mundo, considerando também como esses conhecimentos - de quem experimenta o chão - foram negligenciados, aniquilados e/ou marginalizados. E talvez o que esse momento das nossas existências, marcada por uma crise socioambiental e climática, nos peça seja isso de pensarmos e criarmos uma ecologia com essas práticas que, embora usem metodologias diferentes, assentam um povo em um lugar dando hospitalidade aos seus habitantes.

Nesse sentido, a maniçoba por si só é uma celebração de uma relação com a terra, com a folha, com as pessoas em torno desse conhecimento e preparo. A maniçoba é uma forma de evitar a queda do céu, em menção à Davi Kopenawa e ao povo yanomami, por propor uma outra relação com a Terra. E hoje, experimentando aqui uma certa vivacidade com esse texto, é bem compreensível a maniçoba ser uma celebração para ovacionar a vida que há nos encontros. E talvez essa seja uma das lições poéticas que a maniçoba nos ensina. Também por isso eu sigo achando que a maniçoba é a comida mais gostosa do mundo. E acredito piamente que isso nunca vai mudar.

Referências

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

STENGERS, Isabelle. Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas. **Arte compostagem**21. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita, Instituto de Artes, 2021.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Caderno de leituras**, v. 62, p. 1-15, 2017.

Minibiografias dos autores



Adriana Rio

Professora, pesquisadora, palhaça. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia - PPGEEC da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Doutora em Educação, mestra em Multimeios (Depto de Cinema) e licenciada em Pedagogia pela UNICAMP. Atua na formação de professoras da educação básica e nas artes da cena com foco na palhaçaria, com performances na intersecção da pedagogia feminista com as poéticas da resistência no combate às violências contra às mulheres



Ana Maria Xavier da Silva Neta

Sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia e pesquisadora no grupo Vidar em In-tensões, que se mobiliza por estudos na filosofia da diferença. Minhas pesquisas exploram a docência, o feminino, as singularidades amazônicas, buscando conectar educação, ciência e filosofia.



Anny Roberta Gonçalves Furtado

Licenciada em Pedagogia e Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, ambos pela Universidade do Estado do Amazonas, siga (des)receitando modos de vivência e experimentar sabores, festas e afetos na educação-vida.



Beto Oliveira

Fotógrafo autodidata desde a adolescência, aos 18 anos se tornou repórter fotográfico, e assim, há 37 anos, tem atuado como profissional da fotografia. Sua carreira permeia a fotografia de pessoas, shows, peças de teatro, dança, arte e natureza. É palestrante na área do fotojornalismo e professor de fotografia com o curso

“Luz, Composição e Emoção”.



Caroline Barroncas de Oliveira

Caroline Barroncas de Oliveira, mulher, mãe, professora e arteira da vida, capturada por uma Universidade do Estado do Amazonas e pela Amazônia enquanto feiticeira que cria possibilidades de vidas ao estar imersa no húmus do chão-floresta.



Daniela Franco Carvalho

Bióloga na Educação, trabalha as conexões entre a ciência e a arte contemporânea. Coordena o Museu de Biodiversidade do Cerrado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e lidera o grupo de pesquisa ampla - amálgama em educação, ciência e arte.



Domingos Loureiro

Domingos Loureiro é Doutor em Arte e Design e Professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. É investigador do i2ADS e atua nas áreas da pintura contemporânea, investigação artística e curadoria. Como artista, expôs em diversos países e recebeu o Prêmio Internacional de Artes Plásticas – Cidade da Guarda em 2021.



Eriane da Silva Lima

Eriane Lima é licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC). Membro do Coletivo de Mulheres Agriculturas e Empreendedoras (CMAE) do Careiro e integrante do grupo de pesquisa Vidar em Intensões. Possui interesse nas temáticas: História da Educação, Narrativas (auto)biográficas, Meninas/Mulheres na Ciência e Ecofeminismo.



Fabiane Andrade Batista

Fabiane Andrade é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ), é mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (PPGEEC). Integrante do grupo Vidar em In-tensões. Suas

principais expressões são o desenho, a pintura e a escrita. Transita entre a educação e arte, explorando a relação entre humano, natureza e invenção.



Fabíola Fonseca

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás com doutorado em educação pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorado sanduíche na Universidade de Harvard sob a tutela de George Church e Joe Davis, quando produziu a sua primeira obra de arte "Bactérias transgênicas" (2019). Tem pós-

doutorado em artes pelo Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, pós-doutorado em Educação para sustentabilidade pela Unicamp (INCT-MC) e trabalha com ciência, arte e mudanças climáticas no @liquenprojeto



Fanuela de Oliveira Vasconcelos

Mulher negra, manauara. Professora, pesquisadora e palestrante antirracista, com formação em Pedagogia (UEA) e Comunicação Social (UFAM). Atualmente cursa Especialização em Educação Museal e também o mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, ambos na Universidade do Estado do Amazonas - UEA.



Hannyn Barbara Alves Garcia

Hannyn Barbara Alves Garcia é especialista em Ciências da Natureza e suas Tecnologias e no Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA).

Pesquisadora com abordagem pós-estruturalista na Educação em Ciências na Amazônia pelas diferenças.



Hívina Dorzane Machado

Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela UEA e licenciada em Ciências Biológicas pelo IFAM. Sua pesquisa adota uma abordagem pós-estruturalista, baseada na filosofia da diferença e na Escrita de Si em Michel Foucault. Busca borrar identidades fixas amazônidas e mobilizar um

ensino de biologia sensível e dos afetos, convidando a transitar para a lógica de outros seres e a deslocar olhares sobre a vida.



Jackeline Monteiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA). Possui pós-graduação lato sensu em Produção Cultural, Arte e Entretenimento (Unyleya) e em Estudos em Teatro do Oprimido: Práticas Político-Pedagógicas (UFBA). É graduada em Licenciatura em Teatro (UEA). Integra o Allegriah Grupo de Arte e Cultura (AGAC), um coletivo independente que desenvolve projetos teatrais, literários e musicais em diversas comunidades, com foco na educação e na ciência no contexto amazônico.



José Vicente de Souza Aguiar

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Desenvolve estudos e pesquisas mobilizando os suportes teóricos fenomenológicos, estabelece aproximações aos estudos da Filosofia da Diferença nas áreas da Educação e do Ensino de Ciências. Dedicase as seguintes temáticas: processos educativos em espaços escolares e não escolares; saberes tradicionais; fundamentos epistêmicos do ensino de ciências e da educação; corporeidades negras, indígenas e das diferentes orientações sexuais.



Judi Carla Melo Cauper

Judi Cauper - Judi Carla Melo Cauper é amazônida, nascida em Manaus no ano de 2003. Finalista do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Membro do Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões e pesquisadora com tema Corpo-Arte na formação

inicial de professores. Desde criança tem uma profunda paixão pelas expressões artísticas e culturais, pela educação e pelas infâncias.



Karen Xavier Viana

Pedagoga, licenciada pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC). Integra os grupos de estudo GEMEC (Grupo de Estudo Multidisciplinar em Educação do Campo) e GEPECENF (Grupo de

Estudo e Pesquisa de Educação em Ciências em Espaços Não Formais), além de participar do FOPINECAF (Fórum Parintinense de Educação do Campo, das Florestas e das Águas Paulo Freire).



Leandro Barreto Dutra

Sou mineiro. Pela Biologia fui doutor em Educação em Ciências e Matemática. Pela vida fui ator, artista circense e palhaço. Atualmente professor da Universidade do Estado do Amazonas. Meu interesse se volta para a linha de pesquisa CienciArte, onde busco reencontros entre arte e ciência. Nesse

alinhavo, busco desfazer fronteiras e inventar passagens.



**Maria Juciléia da Silva Lima
(Léia Lima)**

Professora da educação básica na Secretaria de Estado e Educação SEDUC - AM, além de mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC-UEA). Membro do Coletivo de Mulheres Agricultoras e Empreendedoras (CMAE), onde, junto a outras mulheres, estuda, cultiva alimentos de forma orgânica e agroecológica e vende seus produtos na feira do produtor no Careiro-AM.



Leandro Belinaso

Biólogo, doutor em educação e escritor atravessado pelas multiplicidades e dissensos. Vislumbra a docência junto às narrativas escritas e imagéticas embebidas de ficção e os estudos culturais em pesquisas que articulam a educação, o ambiente, a arte e a cultura.



Leonardo Batista dos Santos

Sou acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, atualmente cursando o 9º e último período do curso. Me mobilizo em poesias e nas demais brincadeiras que fazem de mim, um corpo que (re)existe.



Maria Eduarda Glória Neves

Filha mais nova de Maria Lúcia Glória e Wander Neves, nasceu e cresceu no encontro das águas da cidade de Manaus, Amazonas. Foi criada no seio da Amazônia, rodeada por mulheres que foram símbolos de amor e luta.

Hoje, desfruta os sabores da vida, frutos daquelas que lutaram para que ela chegasse até aqui. Entre esses sabores, encontrou na escrita a infância em sua formação de Licenciatura em Pedagogia (UEA). Gosta de brincar, de "criar nascimento" com palavras que transformam seus afetos em formas que ganham vida.



Maria Luz Ruiz Bañón

Maria Luz Ruiz Bañón é professora na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Murcia na Espanha, atuando nas áreas de escultura e meios audiovisuais. Doutora em Belas-Artes, sua pesquisa foca nas instalações artísticas contemporâneas com ênfase

em temporalidades e questões sociopolíticas. Integra o grupo de pesquisa *Estudios Visuales* e desenvolve projetos que exploram fronteiras, espaço-tempo e participação ativa do público.



Melissa Fayad

Conhecimentos de toda uma vida a ensinaram que o mundo está vivo e também sente, pensa e cria. Co-fundadora do Flor Amarela, projeto nascido do desejo de amparo e força para mulheres e jovens de Brumadinho, atingidos pelo rompimento da barragem. Hoje,

costura caminhos entre vida e territórios, em um doutorado que entrelaça Artes e Ecologia Profunda. Nesse percurso, a escrita é artesanaria com o sensível — um gesto de escuta e criação compartilhada. Seu interesse? Tecer possibilidades com outras formas de existência.



Monica Aikawa

Uma amazonense oriental, que vive de pequenas felicidades cotidianas. Adora filmes, fotografias, poesias e cachorros. Atua na formação de professores, especialmente na Universidade do Estado do Amazonas, e tem gosto por igarapés que desviam rotas nos consensos educacionais. É

também pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Vidar em In-Tensões, bem avizinjado com os grupos de pesquisa Amplia e Diálogos. Tem se interessado pelo Pensamento da Diferença e pesquisado com as docências em seus atos, singularidades e amazônias com as infâncias.



Mônica de Oliveira Costa

Sou Mônica Costa, habita em mim uma Amazônia plural, artesã, solar, alegre e colorida. Me constituo num professorar feito à mão, na formação de professores da UEA. Entre peraltagens e poesias, realizo pesquisas a partir da autobiografia inventiva, especialmente no encontro entre educação em ciências e arte. Faço

parte das inventoras do coletivo Vidar In-tensões.



Natália Francisca Pereira Franco

Sou (de) composteira, alfaia (R)teira. Atualmente, sou Mestranda no Programa de Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) e Licenciada em Pedagogia (2023) pela mesma universidade. Fui residente no Programa Residência Pedagógica (2023) nas Escolas Públicas de

Educação Básica. Professora, filha, neta, sobrinha, amiga, maternadeira e tantas outras coisas que ainda não sei, me costuro bio. Tenho me dedicado a pesquisas vivas, produzidas a partir do meu encontro com a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze. Penso junto aos corpos plantas, rios, florestas, aos seres não-humanos e mais-que-humanos, e a muitos outros.



Nereida Tavares Neves Benevides

Sou composição da vida, natureza em devir em múltiplas existências. Acontecimento em um corpo-feminino alegre que confabula currículos-vida em sonhos de possibilidades de liberdade, justiça e amor para todos os seres.



Nora Hauswirth

Nora Hauswirth é pesquisadora e artista interdisciplinar, atuando há mais de cinco anos na Amazônia com foco na relação entre arte, agricultura e educação. Cofundadora do projeto Arte & Escola na Floresta, ela propõe vivências sensíveis entre saberes

tradicionais, práticas agroflorestais e expressões artísticas, criando pontes entre campo e cidade, entre alimento e cultura. O projeto acontece às margens da floresta amazônica, promovendo experiências educativas que valorizam a biodiversidade, a agroecologia e o aprendizado coletivo inspirado por Paulo Freire e outros pensadores da ecopedagogia.



Stivisson Menezes Correia

Manauara, apaixonado e vibrante por Música. Pedagogo e Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela UEA, com a linha de pesquisa em Arte-Educação. Pós-graduando em Musicoterapia pela Faculdade CENSUPEG. Integra: o grupo de pesquisa Vidar em In-Tensões; o programa de extensão e pesquisa Escola de Egressos; o programa Cienciarte; o Laboratório de Pesquisa Práticas e Ensino Musical - LAPEM (UEA-ESAT); o Grupo de Arte e Cultura Allegriah.



Yara Laiz Barbosa de Souza

Yara Laiz Souza, licenciada em Biologia (UEA). Mestranda (PPGEEC-UEA) que transformou o amor de fã pela saga Star Wars em trabalho acadêmico. Manauara, buscadora do conhecimento e da Paz Profunda.

Do encontro festivo de grupos de pesquisa, produzimos textos que abordam a vida, as educações e as desafiadoras imposições das mudanças climáticas no Antropoceno que temos vivido. Da fumaça que enevoa o céu de Manaus com as queimadas das florestas, da seca extrema que mata os seres aquáticos, da derrubada das matas para a monocultura de soja e pecuária encontramos força em resistências e reexistências. Somos experimentações corpo-natureza de docências amazônicas.

